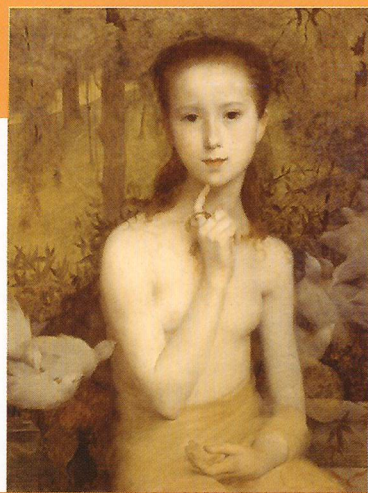


BRASIL
SÉCULO *XIX*

IMAGENS DA CULTURA
EXPOSIÇÃO DIGITAL



MATERIAL DO PROFESSOR

T/UNICAMP
M18c
1150055511C/BCCL

ÍNDICE

Apresentação do material do professor.....	04
Aplicação em sala de aula.....	05
Apresentação da exposição.....	06
Como estudar a arte brasileira no século XIX?.....	10
Primeira missa no Brasil.....	11
O último Tamoio.....	12
Iracema.....	13
Vista de um mato virgem que está se reduzindo a carvão.....	14
O descanso da modelo.....	15
Caipira picando fumo.....	16
Gioventú.....	17
Maternidade (Eliseo D'Angelo Visconti).....	18
Maternidade (Henrique Bernardelli).....	19
A Caridade.....	20
O voto de Heloísa.....	21
A Noite acompanhada dos gênios do Estudo e do Amor.....	22
Engenho de mandioca.....	23
Retrato do intrépido marinheiro Simão, carvoeiro do vapor Pernambucana.....	24
Arrufos.....	25
Linha do Tempo - O Século XIX no Brasil e no Mundo.....	26
Glossário.....	34
Bibliografia.....	35
Ficha Técnica.....	37

APRESENTAÇÃO DO MATERIAL DO PROFESSOR

Este Material do Professor consta de um conjunto de instrumentos de apoio ao professor, em sua tarefa de preparar em sala de aula a visita à mostra “BRASIL SÉCULO XIX – IMAGENS DA CULTURA – EXPOSIÇÃO DIGITAL”.

Trata-se de um material para professores de Arte e os das demais áreas de conhecimento que tenham como objetivo trabalhar as obras deste importante século na (re) construção da História e da Cultura do Brasil.

O conjunto compreende 6 grandes módulos: texto de apresentação geral sobre o século XIX, bibliografia sugerida e de referência, propostas de aplicação em sala de aula, glossário, linha do tempo e 15 pranchas com as imagens coloridas usadas nas propostas para sala de aula.

O texto de apresentação geral contextualiza o século XIX em relação à arte, à história e ao cotidiano no Brasil.

A bibliografia cita as fontes utilizadas e dá outras sugestões de livros, sites, cd roms, cd e vídeos a educadores e crianças.

As propostas de aplicação em sala de aula são unidades didáticas, elaboradas a partir da seleção de 15 obras significativas dos artistas que integram esta exposição.

A linha do tempo traz os principais acontecimentos do século XIX no campo da história e do cenário cultural e científico do Brasil e do mundo, complementado com imagens ilustrativas.

Nas pranchas, são reproduzidas 15 obras representativas desta exposição, tendo ao verso citações complementares aos textos principais de cada obra.

O glossário procura, de maneira mais informal, propiciar melhor compreensão aos termos utilizados em alguns textos e obras.

Professores de Arte, e também de diversas disciplinas, poderão encontrar múltiplos usos para este material, que foi elaborado para ser facilmente adaptado aos diferentes níveis de escolaridade.

As idéias aqui apresentadas poderão ser alteradas, suplementadas, ampliadas, de acordo com a natureza dos estudantes, considerando faixa etária, interesses, habilidades e conhecimentos prévios.

Grande parte do conteúdo apresentado neste Material do Professor foi baseado no material elaborado pela Área de Ação Educativa do Museu Lasar Segall em 1999, Mostra “Lasar Segall – Exposição Digital”, com concepção e elaboração de Denise Grinspum, textos históricos e edição de textos de Vera d’Horta.

É importante ressaltar que a estrutura didática de ambos os materiais foi baseada em pastas para professores elaboradas pelo *Art Institute of Chicago* – EUA.

Campinas, abril de 2001.

APLICAÇÃO EM SALA DE AULA

As 15 imagens apresentadas não obedecem a nenhuma ordem cronológica. Estão organizadas por afinidades temáticas e de artistas.

As propostas de aplicação em sala de aula têm como objetivo promover a assimilação de vários conteúdos (fatos, conceitos, princípios, procedimentos, normas, valores e atitudes) correlacionados a todas as imagens apresentadas.

Para cada imagem existe uma unidade didática estruturada em quatro itens: *Apreciação*, *Reflexão/Discussão*, *Contextualização* e *Sugestões de Atividades*. Além disso, existe uma *Biografia do Artista* estudado, uma relação de *Outras obras do Artista nesta exposição* e *pranchas coloridas* com estas mesmas obras em tamanho maior, tendo ao verso *citações complementares*.

O item APRECIAÇÃO apresenta sugestões de perguntas que visam ampliar a capacidade de alunos a escrever, analisar, interpretar e julgar imagens, em diversos contextos. São apenas sugestões, que não precisam e nem devem ser seguidas à risca pelo professor, pois a interação, o diálogo entre o aluno e a obra, tendo o professor como mediador, é a questão mais importante.

O item REFLEXÃO/DISSCUSSÃO apresenta informações que possibilitam um exercício verbal de análise, reflexão e construção de idéias sobre conteúdos e temas relativos às obras e suas possíveis associações com aspectos estéticos que estariam sendo experimentados pelo grupo durante a atividade.

O item CONTEXTUALIZAÇÃO apresenta informações que situam a importância da obra analisada no contexto de época de vida dos artistas. Muitas destas informações podem ser aprofundadas no texto de apresentação geral e no site da exposição: www.expodigital.com.br

As SUGESTÕES DE ATIVIDADES são compostas por idéias que envolvem o fazer artístico e uma reflexão mais aprofundada, gerando produções, por intermédio das quais os professores podem avaliar se os conteúdos e conceitos foram apreendidos.

Vale lembrar que a exposição digital “Brasil Século XIX – Imagens da Cultura” conta com reproduções de obras em tela de algodão (canvas) e também com muitas outras imagens colocadas em tótems (telas planas de computador). Por este motivo, relacionamos no Material do Professor as outras obras do artista estudado que estão presentes na exposição. Além disso, através do site será possível ter acesso a todas essas obras.

Atrás de cada prancha com as reproduções coloridas das obras, haverá citações sob a forma de crônicas, poesias e “achados” que relacionamos às imagens para despertar nos educadores e alunos outros múltiplos percursos de viagem.

APRESENTAÇÃO DA EXPOSIÇÃO

O SÉCULO XIX É UM BAILE DE MÁSCARAS

Ninguém melhor que a historiadora francesa Michelle Perrot definiu as relações sociais do século XIX: "baile de máscaras".⁽¹⁾ Nossos antepassados valorizavam as aparências. A ostentação da riqueza simbolizava o poder.



DETALHE DE "NATUREZA MORTA COM CRISTAIS", REIS CARVALHO, 1841.

Sob essas influências, as tintas do século XIX brasileiro representam - em sua maioria - as aparências do ideal da religiosidade, da natureza, do homem, da mulher, enfim, da sociedade.

Mas o que há de tão importante neste período em que reinam o privado e a vaidade? Por que esta exposição digital trata exclusivamente do Oitocentos?

Porque foi neste século (que inicia em 1801 e termina no ano 1900) que se formou a identidade nacional, ou seja, a idéia de nação brasileira.

Embora o Brasil conte hoje com mais de 500 anos, desde seu "achamento" até a Independência não tínhamos identidade própria, éramos apenas uma colônia de Portugal.

Só a partir de 7 de setembro de 1822 é que surge a preocupação com o tema da brasilidade. Contudo, os problemas imediatos de sobrevivência empurraram a busca da auto-imagem para a metade do século, após a consolidação da unidade política.

Em síntese, o século de maior complexidade para nós é o XIX. Período em que se registraram amplas modificações na estrutura, composição e dinâmica da sociedade brasileira.⁽²⁾ E a arte é o espelho que reflete esta complexidade.

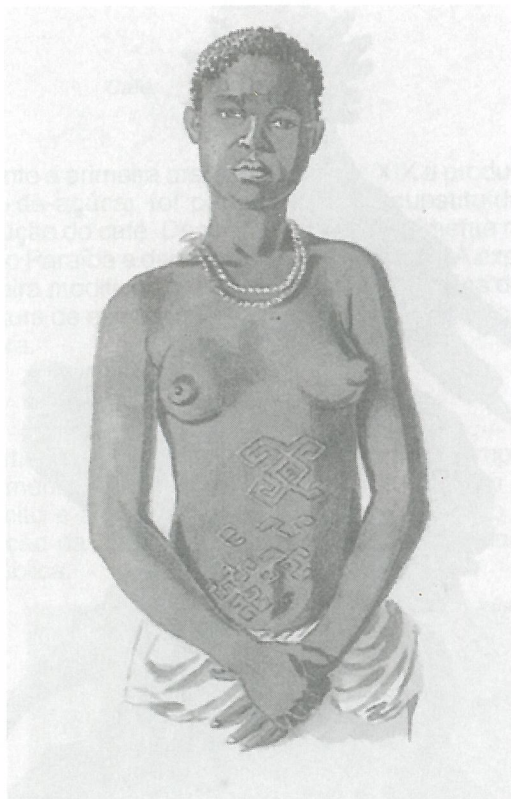


DETALHE DO CETRO DE OURO DO IMPERADOR D. PEDRO II.

APRESENTAÇÃO DA EXPOSIÇÃO

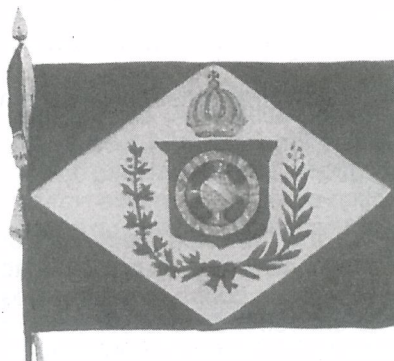
O OLHAR ESTRANGEIRO SOBRE O BRASIL

No século XIX, quando a fotografia ainda não tinha sido inventada, vários artistas estrangeiros documentaram as imagens do Brasil. Esses artistas faziam parte das expedições científicas e da missão artística francesa. Registraram a fauna, a flora, os costumes, as tradições e o cotidiano colonial.



DETALHE DE "NEGRA CABINDA", HÉRCULES FLORENCE.

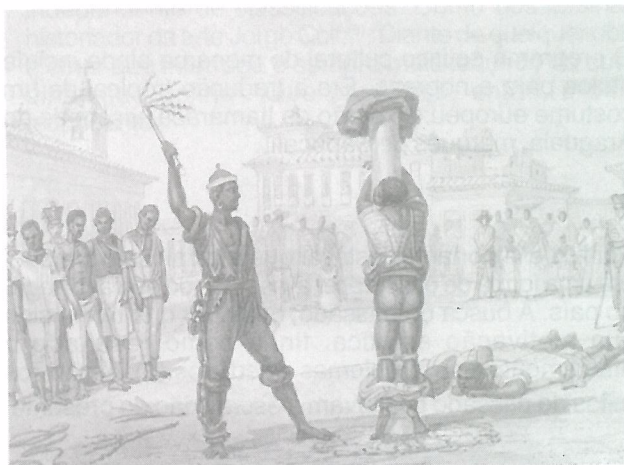
A exploração da força física do escravo foi um dos principais temas das aquarelas de Jean Baptiste Debret, artista francês que viveu no Brasil de 1816 a 1831. Debret foi também o autor da primeira bandeira imperial que permaneceu intocada até o advento da República, quando o brasão imperial foi substituído pela esfera celeste.



BANDEIRA DO IMPÉRIO.

Como parte do projeto da Coroa de ostentação do poder através da imagem, em 1826 foi criada a Academia Imperial de Belas Artes que ditaria os motivos "nobres" a serem representados.

Dentro do estilo neoclássico, a Academia tinha como objetivo mudar os padrões da arte barroca colonial. Privilegiava a pintura histórica, religiosa, cenas de gênero, alegorias e retratos.



CASTIGO DE ESCRAVO QUE SE EXECUTAVA NAS PRAÇAS PÚBLICAS, DEBRET, AQUARELA DE 1826

Moda entre as famílias abastadas, o retratismo⁽³⁾ foi um dos instrumentos de propagação das aparências, do culto da personalidade, até a popularização da fotografia.

APRESENTAÇÃO DA EXPOSIÇÃO

O INDÍGENA COMO SÍMBOLO NACIONAL

A busca de uma identidade nacional-tropical, em oposição às marcas da civilização européia, manifestou-se inicialmente na literatura. Com o financiamento de d. Pedro II o romantismo brasileiro transformou-se em projeto oficial.

O livro "Confederação dos Tamoios", escrito por Gonçalves de Magalhães, narra a saga da brava nação indígena que luta pela liberdade contra os agressores portugueses. Publicado em 1856, deveria ser o maior épico nacional. Contudo, foi "O Guarani", publicado no ano seguinte, que obteve maior resultado. O romance de José de Alencar buscava a gênese da nação por meio da ligação simbólica entre uma jovem portuguesa (Ceci) e um chefe indígena (Peri). Anos mais tarde, Alencar se consagraria com "Iracema", a virgem dos lábios de mel, cujo nome invertido incorpora o anagrama América.

A poética indianista, inspirada no modelo do "bom selvagem" de Rousseau, também se propagaria para a pintura e para a música. Nesta, o exemplo mais célebre é a ópera "O Guarani", de Carlos Gomes.

O programa político-cultural do monarca ainda incluía títulos para a nobreza. Era a tradução tropical de um costume europeu: (3) barão de Itamaracá, visconde de Araguaia, marquês de Sapucaí...

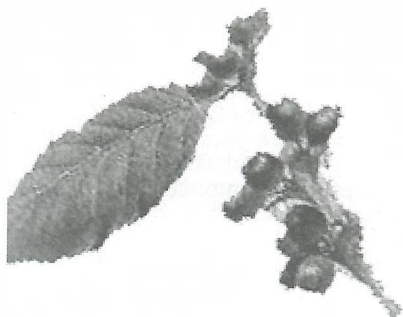
Por fim, é importante destacar que o indianismo também era uma forma de obscurecer a inserção do escravo negro no país. A busca do passado, qualquer que tenha sido sua motivação estética, tinha como resultado o afastamento dos problemas imediatos. (2) Assim, os mitos do passado ocultavam a escravidão do presente.



RIO SÃO FRANCISCO, ESCULTURA EM GESSO DE LOUIS ROCHET, 1856.

APRESENTAÇÃO DA EXPOSIÇÃO

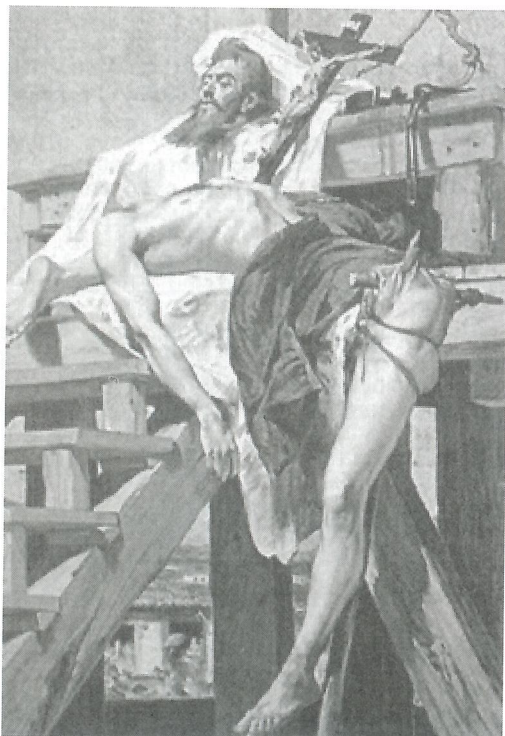
O BRASIL SE TRANSFORMA



Café

Durante a primeira metade do século XIX a produção da cana-de-açúcar foi paulatinamente substituída pela produção do café. Desenvolveu-se inicialmente no Vale do Rio Paraíba e depois no Oeste Paulista.⁽⁴⁾ A expansão cafeeira modificou a estrutura socioeconômica do país: abertura de estradas de ferro e grande imigração para a lavoura.

A partir da década de 1870 iniciou a crise do Império. O movimento republicano, os atritos do governo com o Exército e a Igreja, a perda da base de apoio com a abolição da escravatura e, por fim, a proclamação da República.



TIRADENTES ESQUARTEJADO, PEDRO AMÉRICO

Com o fim da monarquia o índio foi destronado de seu simbolismo. A estética positivista elegeu Tiradentes como novo herói nacional. Retratou-o à semelhança de Cristo para facilitar sua propagação entre os populares. Surgia assim o herói cívico-religioso.⁽⁵⁾ Iniciava-se outra etapa da identidade nacional.

A ARTE E O OLHAR

Esta exposição digital só foi possível pela união do Instituto Hebert Levy, da Companhia Paulista de Força e Luz e de dezenas de pessoas que empreenderam esforços para fazê-la chegar ao público. Nosso objetivo: estimular o exercício do olhar. Para que nos sintamos recompensados é necessário que o visitante dialogue com as obras, que perceba a vida autônoma da imagem, independente de classificações. Como nos ensina o historiador da arte Jorge Coli:⁽⁶⁾ "Diante de qualquer obra, o olhar que interroga é sempre mais fecundo do que o olhar que define". Que prevaleça, então, o olhar fecundante.

(1) História da Vida Privada, vol. 4, org. Michelle Perrot, SP, 1990; (2) Anais do Museu Paulista, tomo XIX, SP, 1965; (3) As Barbas do Imperador, Lília M. Schwarcz, SP, 1998; (4) HISTÓRIA DO BRASIL, BORIS FAUSTO, SP, 1995; (5) A FORMAÇÃO DAS ALMAS, JOSÉ MURILO DE CARVALHO, SP, 1990; (6) Como estudar a arte brasileira do século XIX?, Jorge Coli, in: O BRASIL REDESCOBERTO, RJ, 2000.

COMO ESTUDAR A ARTE BRASILEIRA DO SÉCULO XIX?

Jorge Coli *

1 – Autoritarismo moderno e renovação crítica

As questões vinculadas aos estudos das artes brasileiras e, dentro delas, mais especificamente, às do século XIX, surgem num tecido histórico internacional, do qual, em primeiro lugar, é preciso ter consciência.

Vivemos, como todo o Ocidente, o triunfo da modernidade que se impôs no correr dos últimos cem anos. Ele não somente trouxe uma profunda modificação dos produtos artísticos, no papel dos criadores e na postura dos críticos. Acarretou também a eliminação de tudo aquilo que não parecia estar bem nos parâmetros que esses modernos estabeleciam.

A modernidade venceu os chamados “acadêmicos”, tão intransigentes em seus critérios, para impor algo semelhante: um autoritarismo eliminando tudo aquilo que parecia diverso dela própria. A história das artes, tal como foi então concebida, promovia a exclusão da alteridade. Num manual, Lionello Venturi ensinava como um Bouguereau estava fora do campo das artes, se comparado com verdadeira e boa pintura, elevada, indiscutivelmente “artística”. Num outro compêndio, Francastell demonstrava que mesmo Delacroix ou Courbet eram imperfeitos porque insuficientemente “modernos”. Tornava-se, então, impossível amar essas artes condenadas que, na maioria dos museus, ia, com vergonha, para as reservas, quando não desaparecia fisicamente, ao ponto de, hoje, se ter perdido o rastro de muitas delas.

Dou um exemplo pessoal destas tiranias dos gostos e critérios: no final da década de 1960, aprendíamos na universidade e nos livros a distinguir a “boa” arte da “ruim”. Morando não longe da Pinacoteca do Estado, em São Paulo, eu não resistia em subir aquelas escadas, fascinando por um quadro de Oscar Pereira da Silva, de Almeida Júnior ou de Weingartner, dispostos ainda nas nostálgicas salas, de cortinas pesadas, que Túlio Mugnaini havia concebido. Ora, era impossível entrar ali sem um profundo sentimento de culpa, como diante de um prazer proibido. O adolescente muito ingênuo encontrava então uma escusa diante da tentação sedutora: ele estava ali para aprender o que “era pintura ruim”. O alibi, está bem claro, não explicava o estranho deleite que aquelas telas magníficas provocavam.

Porém, ao desdém com que, há alguns anos, os quadros ditos acadêmicos eram ignorados, seguiu-se uma atenção carinhosa e interessada. Vários estudos se sucederam nos anos de 1970 e 1980, até que Jacques Thuillier – significativamente um historiador do século XVII, portanto livre dos preconceitos que os especialistas do campo específico nutriam – publicou uma espécie de admirável manifesto intitulado *Peut-on parler d'une peinture "pompier"?*¹, onde a questão da arte chamada acadêmica era disposta com agudeza e novidade, abrindo o campo efetivo para uma séria reflexão sobre o assunto.

Tal mudança de posições é fato consumado: o Museu d'Orsay, em Paris, surgiu como a brilhante afirmação dessa reviravolta e o cuidadoso trabalho de restauração das soberbas batalhas de Victor Meirelles e Pedro Americo, realizado no Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, há alguns anos atrás, se inscreveu naturalmente nesse empenho renovado.

Essas obras, não percebidas e desprezadas durante um longo período de olvido, não se entregam, porém, tão facilmente. Com os critérios formais e seletivos que educaram gerações mostrando-se insuficientes para uma compreensão larga dos fenômenos artísticos e culturais do século XIX, é indispensável proceder a uma ampliação na inteligência do olhar contemporâneo. Trata-se de um desafio e de uma lição: decifra-me ou tens tudo a perder.

2 – O conceito e o olhar

Importa não atribuir às palavras mais poderes do que elas realmente possuem, nem carregá-las de uma afetividade excessiva, sobretudo no que concerne aos conceitos classificatórios. Eles seriam muito úteis se apenas agrupassem objetos através de algumas afinidades, mas tornam-se perigosos porque rapidamente tendem a exprimir uma suposta essência daquilo que recobrem e substituir-se ao que nomeiam, como falsos semblantes escondendo os verdadeiros.

Essa atitude não é “ingênua”, ou culturalmente desarmada. Ao contrário, ela pressupõe uma revisão no saber. São – caso se queira – precauções metodológicas em um momento de mudanças de posições. Seja como for, diante de qualquer obra, o olhar que interroga é sempre mais fecundo do que o conceito que define.

* Jorge Coli - Historiador de Arte. Mestre em História da Arte e Arqueologia (Universidade de Provença, França), Doutor em Estética (USP), Professor Livre Docente (UNICAMP).

1. THUILLIER, Jacques. *Peut-on parler d'une peinture "pompier"*, PUF, Paris, 1984.

Este artigo foi originalmente publicado no catálogo “O Brasil Redescoberto”, publicado pelo Paço Imperial - MinC IPHAN, sob curadoria geral de Carlos Martins, Rio de Janeiro, 1999. Aqui apresentamos um pequeno fragmento do texto original.

Biografia do artista

VICTOR MEIRELLES DE LIMA
(1832-1903)

Nascido em Desterro, atual Florianópolis (SC) e falecido no Rio de Janeiro. Algumas obras: *Rua do Desterro* (sua primeira pintura, feita aos 19 anos); *São João Batista no Cárcere*; *Primeira Missa no Brasil*; *Combate de Riachuelo*; *Passagem de Humaitá*; *Moema*; *Batalha dos Guararapes*; *Panorama da Primeira Missa*.

Pintor, desenhista e professor, Victor Meirelles de Lima começa a desenhar, por volta de 1845, com o professor Marciano Moreno, engenheiro e pintor argentino. Em 1847, ingressa na Academia Imperial de Belas Artes- AIBA, cursando desenho e pintura histórica com José Correia de Lima. Em 1852, recebe prêmio de viagem à Europa. Em Roma, estuda nos ateliês de Tommaso Mirardi e Nicolau Couronni, entre 1853 e 1856. Aperfeiçoa-se com Léon Cogniet, na Escola de Belas Artes de Paris e trabalha sob orientação de Andrea Gastaldi. Mantém correspondência com Porto Alegre, que o orienta. Retornando ao Brasil em 1861, permanece como professor de pintura histórica e paisagem na AIBA, entre os anos de 1862 a 1890. É também professor do Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro. Foram seus alunos Antonio Parreiras, Zeferino da Costa, Henrique Bernardelli, Rodolfo Amoedo, Belmiro de Almeida, Oscar Pereira da Silva, Almeida Júnior, Modesto Broccos e Eliseo Visconti, entre outros. Realiza pinturas históricas sobre a Guerra do Paraguai. Em 1879, apresenta na Exposição Geral de Belas Artes o quadro *Batalha dos Guararapes* ao lado de *Batalha do Avaí*, de Pedro Americo, gerando intensa polêmica na imprensa. Funda, em 1885, uma empresa de panoramas com o belga Henri Langerock, no Rio de Janeiro. Recebe medalha de ouro pelo *Panorama do Rio de Janeiro* na Exposição Universal de Paris, em 1889.

Outras obras do artista nesta exposição

Moema, 1866

Estudo para "Panorama do Rio de Janeiro": Morro do Castelo, 1885

Primeira missa no Brasil, 1860

Victor Meirelles de Lima

Óleo sobre tela, 268 x 356 cm

Acervo do Museu Nacional de

Belas Artes – RJ



Apreciação

- Sem dizer o título da obra, peça a seus alunos que descrevam o que está acontecendo na cena.
- Quem são os personagens dessa cena?
- Como é o ambiente deste quadro?
- Quantos tipos de roupas diferentes você consegue identificar entre os personagens?
- Quais são os objetos pertencentes aos brancos? E aos índios?
- Qual o número de pessoas na cena?
- Quantas árvores ou plantas é possível identificar?
- São todas do mesmo formato e tamanho?

Reflexão/Discussão

- Que momento da história do Brasil está retratado na imagem?
- Procure imaginar qual o clima e a temperatura do dia em que aconteceu essa cena
- Na sua opinião, por que as pessoas da cena estão vestidas diferentemente?
- Que tipos de reação você consegue identificar entre os índios, em relação ao que acontece na cena central da pintura?
- Quais seriam os sons dessa cena?
- Quem são essas pessoas? De onde vieram?

Contextualização

Em 1858 Victor Meirelles - que desde 1853 achava-se na Europa, com o prêmio de viagem da Academia Imperial obtido em 1852 - solicitava e obtinha do Governo Imperial uma terceira prorrogação do prazo de sua permanência, com a finalidade de produzir uma grande composição original cujo tema, possivelmente inspirado por Manuel de Araújo Porto-alegre, seria A Primeira Missa no Brasil. Concedida a prorrogação, no mesmo ano o pintor remete de Paris o esboço de sua obra, exposto em 1859 e 1860 no Rio de Janeiro. Do Brasil, Porto-alegre orienta o antigo discípulo, em carta de 4 de fevereiro de 1859 na qual entre outras coisas o aconselha, a ler a *Carta* de Pero Vaz Caminha.

Entre 1859 e 1861 Victor Meirelles pintou a versão definitiva, expondo-a nesse último ano no Salon de Paris; foi aliás o primeiro pintor brasileiro a expor nesse importante evento. Concluído o pensionato ainda obtém uma quarta prorrogação, de três meses, "para zelar o acondicionamento e remessa do seu quadro de pintura histórica", chegando enfim ao Brasil em 18 de agosto de 1861 após oito anos de ausência e no dia, mesmo, em que completava 29 anos de idade. No ano seguinte ao da chegada, a Primeira Missa participa da Exposição Geral de 1862 e garante, a seu autor, a Ordem da Rosa no grau de Cavaleiro, com que o condecora Pedro II.

Remetida em 1876 pelo Governo Imperial - junto com a *Passagem de Humaitá* e o *Combate Naval do Riachuelo* para participar da Exposição de Filadélfia, nos Estados Unidos da América, dali retorna a Primeira Missa danificada. A tela passou por dois restauros: o primeiro em 1876 e o segundo em 1921.

Sugestões de Atividades

- Separe alguns trechos da Carta de Pero Vaz de Caminha e peça aos estudantes que compare-os com a imagem.
- Peça aos estudantes que criem pequenas cenas teatrais com alguns momentos que estão presentes na pintura. Ex.: casais de índios conversando – sobre o que?; qual a oração que o padre está fazendo?; há índios apontando para algo na cena – o que seria?; há índios levantando os braços do lado esquerdo do quadro – por que?

Biografia do artista

RODOLFO AMOEDO (1857-1941)

Nascido em Salvador (BA) e falecido no Rio de Janeiro. Algumas obras: *O Sacrifício de Abel*; *Jesus Cristo em Cafarnaum*; *Narração de Filetas*; *O último Tamoio*; *Marabá*; *A Partida de Jacó*; *Desdêmona*; *Estudo de Mulher*.

Pintor e professor. Rodolfo Amoedo estuda com Victor Meirelles no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, em 1873, e com Agostinho da Motta e Zeferino da Costa na Academia Imperial de Belas Artes, Aiba, em 1874. Viaja para Paris, em 1879, como pensionista da AIBA, e estuda na Académie Julian e na Escola de Belas Artes de Paris, sendo aluno de Alexandre Cabanel e de Puvis de Chavannes. Retorna ao Brasil em 1887. No ano seguinte, leciona pintura na AIBA e realiza sua primeira exposição individual. É mestre de artistas como Baptista da Costa, Eliseo Visconti, Candido Portinari, Eugênio Latour, Rodolfo Chambelland, entre outros. Realiza trabalhos de decoração no Palácio Itamaraty, na Biblioteca Nacional, no Supremo Tribunal Federal, no Supremo Tribunal Militar do Rio de Janeiro, no Museu Paulista e no Teatro José de Alencar, em Fortaleza. Após sua morte, grande parte de sua obra é doada ao MNBA, em troca de uma pensão vitalícia do governo para a viúva.

Outras obras do artista nesta exposição

Estudo de mulher, 1884

Más notícias, 1895

Desdêmona, 1892

Jesus Cristo em Cafarnaum, 1887

Marabá, 1882

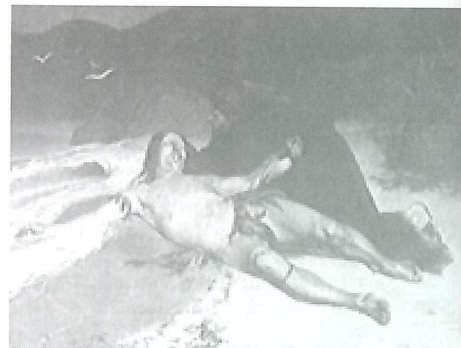
A partida de Jacob, 1884

O último Tamoio, 1883

Rodolfo Amoedo

Óleo sobre tela, 180 x 260 cm

Acervo do Museu Nacional de Belas Artes – RJ



Apreciação

- Que lugar é este?
- Quantas pessoas você vê? O que estas pessoas estão fazendo?
- Qual é a posição dos corpos dessas pessoas?
- Observe a figura masculina vestida. Para onde ela está olhando? Como é o seu rosto? Que idade aparenta ter? Que roupa ele está usando? Como está calçado? Que parte de seu corpo podemos ver?
- Observe o índio. Qual é a sua posição? Como estão os seus olhos? Como está a sua boca? Qual a cor de seu cabelo e pele? Que partes de seu corpo podemos ver? Como ele está vestido? Como são os seus pés? Como estão as suas mãos?
- Como é o cenário desta obra?
- Qual é a diferença entre as roupas dos personagens?
- Que árvores ou plantas é possível identificar? São todas do mesmo formato e tamanho?

Reflexão/Discussão

- Você acha que essas pessoas se conhecem?
- O que a pessoa vestida parece estar pensando?
- O que aconteceu com o índio? Por que ele está dessa maneira, nesse lugar?
- Qual é o clima entre as pessoas?
- O mar parece tranquilo ou agitado?
- Que recursos o artista usou para justificar a sua resposta?
- Por que os personagens estão vestidos de modo diferente?
- A que grupos sociais esses homens pertencem?
- Quais sons é podemos identificar no ambiente?

Contextualização

Um dos quadros indianistas do artista, realizado no importante período de sua estada e aprendizagem em Paris.

Sugestões de Atividades

- A partir do título dessa obra discuta com seus alunos: O que eles sabem sobre as artes indígenas? O que representa o índio para eles? O que sabem sobre a questão indígena no Brasil? Como eles vêem o relacionamento entre os índios e os brancos?
- Discuta com seus alunos a seguinte questão: Por que você acha que as pessoas olham com naturalidade a nudez dos índios e não tem o mesmo tipo de visão/ reação sobre a nudez de outras pessoas? Associe esta obra ao quadro *O descanso da modelo* do pintor Almeida Júnior.

Biografia do artista

JOSÉ MARIA DE MEDEIROS (1849-1926)

Nascido nos Açores (Portugal) e falecido no Rio de Janeiro. Algumas obras: *Retrato de Senhora; Uma mulher costurando à porta do lar com o filhinho ao colo; Morte de Sócrates; Iracema*.

Pintor e professor, José Maria de Medeiros, natural dos Açores (Portugal), vem para o Brasil em 1865 e fixa residência no Rio de Janeiro. Dois anos depois, ingressa no curso de encadernações do Liceu de Artes e Ofícios e matricula-se na Academia Imperial de Belas-Artes em 1868, tendo como mestre Victor Meirelles. É professor de encadernação no Liceu de Artes e Ofícios, de desenho figurado na Academia Imperial de Belas-Artes, de 1878 a 1891. Em 1884, recebe do Imperador o título de Oficial da Ordem Imperial da Rosa. Foram seus alunos: Visconti, Belmiro de Almeida, Oscar Pereira da Silva, Castagneto.

Iracema, 1881

José Maria de Medeiros

Óleo sobre tela, 168,3 x 255 cm

Acervo do Museu Nacional de

Belas Artes – RJ



Apreciação

- Observe a mulher: como ela está vestida? O que está em volta de seu pescoço? Que partes de seu corpo podem ser vistas? Como é o seu rosto? Como são os seus olhos? Para onde e o que está olhando? Qual a cor de seus cabelos e como eles estão?
- Como é o cenário desta imagem?
- Quais são as cores predominantes nesta imagem?
- Que sons você identificaria na cena?
- Descreva o objeto fincado no solo.

Reflexão/Discussão

- Qual seria a idade da mulher?
- Como está o dia na cena do quadro? Venta? Como está o mar? Que horas poderiam ser?
- Você conhece as árvores e plantas que aparecem na imagem? Quais delas pode ser identificadas?
- Se dividíssemos este quadro exatamente ao meio, o que encontraríamos em cada uma das duas metades? Que nomes você daria a cada uma delas, separadamente?

Contextualização

Iracema foi baseada na homônima "lenda cearense" de José de Alencar, publicada em 1865, e que conheceu grande sucesso quando mostrada no Rio de Janeiro na Exposição organizada em 1884 pelo Liceu de Artes e Ofícios. É uma das pinturas mais significativas do indigenismo pictórico brasileiro.

"A virgem dos lábios de mel caminha lenta e docemente em direção a uma flecha fincada ao solo, que transpassou uma flor de maracujá – a flor do amor".

Sugestões de Atividades

- Destaque trechos do romance de José de Alencar (século XIX), que deu origem a este quadro de José Maria de Medeiros (século XIX) e trechos da Carta de Pero Vaz de Caminha (século XVI) fazendo comparações entre estas três visões da mulher indígena.
- Pergunte a seus alunos se algum deles têm ascendência indígena. Se a resposta for positiva, questione os hábitos, histórias interessantes, o cotidiano desses ascendentes.
- Peça a seus alunos para compararem a índia IRACEMA com as outras índias que aparecem no quadro A PRIMEIRA MISSA
- Faça um concurso de redação, poesia ou contadores de história com a seguinte pergunta: "Que objeto é esse que a índia IRACEMA olha? Quem colocou este objeto ali e por que?". Deixe que os próprios alunos escolham a versão mais criativa.

Biografia do artista

FÉLIX-ÉMILE TAUNAY (1795-1881)

Nascido em Montmorency (França) e falecido no Rio de Janeiro. Primeiro filho de Nicolas Antoine Taunay, foi o concretizador da Academia de Belas Artes, hoje Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro. Algumas obras: *Panorama do Rio de Janeiro*; *Vista da Mãe d'Água*; *Vista de um mato virgem que está se reduzindo a carvão*; *Dom Pedro II Adolescente*; *A Morte de Turenne*. Foi professor de Francês, Desenho e Paisagem, Grego e Literatura do Imperador Dom Pedro II.

Pintor, professor, escritor, poeta e tradutor. (Félix Émile Taunay) vem ao Rio de Janeiro em 1816, acompanhando seu pai, o pintor Nicolas Taunay, integrante da Missão Artística Francesa, por quem é orientado nas artes. Por volta de 1821, faz desenhos e aquarelas que constituem o primeiro Panorama do Rio de Janeiro. Assume a regência da cadeira de paisagem da Academia Imperial de Belas Artes em 1821, lecionando durante 30 anos. Em 1834 assume a direção da AIBA, permanecendo no cargo até 1851. Durante sua gestão foram criadas as Exposições Gerais de Belas Artes (1840); organizada a pinacoteca (1843) e instituídos os prêmios de viagem ao estrangeiro (1845). Além dessas atividades, atua como membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e participa, com o arquiteto Grandjean de Montigny, dos projetos de saneamento e urbanização da cidade do Rio de Janeiro.

Outra obra do artista em exposição

Vista da Mãe D'Água, 1841 c.

Vista de um mato virgem que está se reduzindo a carvão, 1843

Félix-Émile Taunay

Óleo sobre tela, 134 x 195 cm
Acervo do Museu Nacional de Belas Artes – RJ



Apreciação

- Peça a seus alunos que observem cada detalhe desta imagem.
- Quantas pessoas e animais podem ser vistos na imagem?
- Que árvores ou plantas é possível identificar?
- Qual a cor que predomina nesta imagem? Esta cor pode ser encontrada na imagem com quantos tons diferentes?
- Observe atentamente como o pintor representou a água. Que cores ele usou para dar esse efeito?

Reflexão/Discussão

- Quem poderiam ser as pessoas que aparecem no quadro e qual o tipo de relação entre elas?
- Na sua opinião, qual o motivo dessas pessoas estarem desmatando e queimando esta vegetação?
- Levando em consideração a data desta pintura, qual a relação que você faria com os dias de hoje?
- Observe o tamanho das pessoas em relação ao tamanho das árvores. Quanto tempo você acha que essas árvores demoraram para ficar do tamanho que estão? Qual a razão do artista ter pintado as pessoas e animais tão pequeninos em relação à natureza em redor?

Contextualização

importante paisagem romântica do professor de paisagem da Academia Imperial de Belas Artes entre 1821 - quando substituiu o pai, Nicolas Antoine Taunay, que voltava à França - e 1851, quando se aposentou. Esta imagem transcende a questão documental de registrar uma área de desbravamento e nos apresenta uma inegável qualidade pictórica. Vale ressaltar que os pequenos personagens desta cena reforçam a monumentalidade da natureza. Junto com Grandjean de Montigny, de quem era amigo, realizou medidas estéticas e higiênicas para o Rio de Janeiro, dentre as quais a criação de jardins, plantio de árvores, a drenagem e aterro de terrenos e a retificação de cursos d'água, entre outros.

Sugestões de Atividades

- Peça para seus alunos pesquisarem sobre desmatamento, matas e florestas brasileiras, usos da madeira e do carvão, poluição por queimadas e produção de carvão, sobretudo relacionando aos benefícios e prejuízos dessas atividades para os trabalhadores, o meio ambiente e para a população.
- Proponha que eles pintem uma floresta.
- Veja o filme "Germinal" (direção de Claude Berri, 1993, 155 minutos, Bélgica/França/Itália), que fala de trabalhadores de minas de carvão.
- Veja e mostre a seus alunos o livro de fotografias de Sebastião Salgado: "Trabalhadores".
- Peça a seus alunos que descrevam o clima, os cheiros e os sons do ambiente.
- Faça uma sessão de desenho de observação a partir de folhas e fragmentos de vegetação (sementes, gravetos) coletados pelos alunos.
- Associe essa sessão de desenho com a preocupação dos artistas viajantes em registrar a flora e a fauna por onde passavam, tais como Debret, Rugendas, etc.
- Aproveite esta imagem para observar e desenhar com seus alunos a diversidade de modos usados pelo pintor para retratar as árvores. Peça uma série de desenhos de árvores. Nos livros "*Desenhar uma árvore*", de Bruno Munari (Editora Martins Fontes) e "*Florestas e árvores*" da Editora Melhoramentos (Coleção As Origens do Saber: Natureza) é possível encontrar muitas maneiras de desenhar árvores.

Biografia do artista

JOSÉ FERRAZ DE ALMEIDA JÚNIOR (1850-99)

Nascido em Itu (SP) e falecido tragicamente em Piracicaba (SP). Pintor de paisagens, retratos e cenas rurais. Algumas obras: *Ressurreição do Senhor*; *Arredores de Paris*; *Arredores do Louvre*; *O Derrubador Brasileiro*; *Remorso de Judas*; *Fuga para o Egito*; *O Descanso da Modelo*; *Caipiras Negaceando*; *Cozinha Caipira*; *Amolação Interrompida*; *Caipira Picando Fumo*; *O Violeiro*; *Leitura*; *A Partida da Monção*; *Saudades*; *O Importuno*.

Pintor, desenhista e professor paulista. Almeida Júnior (José Ferraz de Almeida Júnior) ingressa na Academia Imperial de Belas Artes, Aiba, em 1869, e tem aulas de pintura com Victor Meirelles. Conclui seus estudos em 1874, não concorrendo ao prêmio viagem e retorna a Itu, sua cidade natal. Abre ateliê em 1875 e atua como retratista e professor de desenho. D. Pedro II, em visita à cidade, impressiona-se com seu trabalho e concede-lhe uma bolsa de estudo na Europa. Matricula-se na Escola Superior de Belas Artes de Paris, França, entre 1876 e 1882, tornando-se discípulo de Alexandre Cabanel. Regressa ao Brasil em 1882, expõe na Aiba as obras produzidas em Paris. Em 1883 instala ateliê em São Paulo. No ano de 1885 o pintor é agraciado com o título de Cavaleiro da Ordem da Rosa pelo governo imperial. Em 1886, Victor Meirelles o convida para ocupar sua vaga na Aiba como professor de pintura histórica, mas ele prefere permanecer em São Paulo. Entre seus discípulos destaca-se Pedro Alexandrino.

Outras obras do artista nesta exposição

Caipira picando fumo, 1893
O derrubador brasileiro, 1879
Amolação interrompida, 1894
Apertando o lombinho, 1895
Violeiro, 1899
Leitura, 1892
O importuno, 1898
Moça com livro, s.d.
Cozinha caipira, 1895
Saudade, 1899
Nhá Chica, 1895
Recado difícil, 1895
Partida da monção, 1897
Caipiras negaceando, 1888

O descanso da modelo, 1882

José Ferraz de Almeida Júnior

Óleo sobre tela, 100 x 130 cm
acervo do Museu Nacional de Belas Artes – RJ



Apreciação

- O que você vê nessa cena?
- Quantas pessoas estão representadas no quadro?
- Observe o homem. Como ele está vestido? Como é o seu rosto? Para onde ele olha? Como está o seu corpo? Como estão as suas mãos? O que ele tem na boca? Qual a sua idade?
- Observe a mulher. Como ela está vestida? Como está o seu corpo? Como é o seu rosto? Para onde ela olha? Qual é a cor dos seus cabelos, como eles estão? O que ela está fazendo? Como estão suas mãos? Qual a sua idade?
- Como é este ambiente?
- Que objetos você consegue observar? Cite seus nomes e os materiais de que são feitos.
- Que cores e texturas podemos identificar nesse lugar?

Reflexão/Discussão

- Peça para os alunos observarem bem essa imagem e criarem uma história sobre o que está acontecendo na cena.
- Qual seria a relação entre essas pessoas? Que profissão cada personagem exerce?
- Que sons podemos identificar no ambiente?
- Qual é o clima do ambiente?

Contextualização

Trata-se de uma das poucas representações de ateliês e ambientes de trabalho de artistas na pintura brasileira. Sem dúvida o rico ambiente de trabalho de um daqueles célebres *pompieri* em atividade em Paris, já que em outra obra igualmente representando um ateliê, mas executada no Brasil em 1898 (*O Importuno*), o ambiente é bem menos requintado. O quadro (do qual existem estudos e réplicas em coleções particulares do Rio e de São Paulo) foi exposto no Salon de Paris em 1882, sob o título *Pendant le Repos*, adquirido no mesmo ano, com outras obras do artista, pelo Governo Imperial, e exibido em 1882 e 1884.

Sugestões de Atividades

- A partir do nome da obra fale para seus alunos sobre a profissão de pintor e de modelo, sobretudo na importância dentro do século XIX.
- Promova uma sessão de modelo vivo, onde você faça com que seus alunos posem por 10 a 15 minutos para o restante da sala realizar desenhos de observação.
- Fale sobre os ateliês, os objetos e tecidos que serviam como elementos de composição para os quadros.
- Crie uma situação de ateliê, peça para os alunos selecionarem e trazerem objetos para a sala de aula, observando as cores, texturas, brilho, formato, etc.
- Relacione o ateliê de DESCANSO DA MODELO com o ateliê de O IMPORTUNO, de Almeida Junior, que está no totem de mesmo nome.
- Veja o filme *"Camille Claudel"* (1988, 160 minutos, França, direção de Bruno Nuytten) e selecione cenas em que você possa mostrar a seus alunos as situações de ateliê.
- Outras sugestões de filmes: *"Basquiat – traços de uma vida"* (1996, 106 minutos, EUA, direção de Julian Schnabel) e *"Os amores de Picasso"* (1996, 125 minutos, EUA, direção de James Ivory)

JOSÉ FERRAZ DE ALMEIDA JÚNIOR (1850-99)

“Em Almeida Júnior a gente sente, em seus últimos trabalhos, a preguiça, o dengue, a entrega sonolenta diante do castigo do sol - uma sugestão irresistível de milhares queimando nas tardes de estio, bambuais se debruçando sobre a água mole dos lagos e um canto melancólico de cigarra... Há um espírito brasileiro inequívoco em seus quadros, qualquer coisa de inconscientemente bárbaro e profundo, uma fatalidade de terra moça - que nenhum grande estrangeiro conseguiria traduzir. Ele é o primeiro clássico da nossa pintura. Essa influência da terra, certamente inconsciente, manifestou-se numa circunstância característica a que já me referi: depois de seu regresso ao Brasil, Almeida Júnior modificou completamente o seu colorido, tornando-o mais claro, mais brilhante, mais solar.”

Luís Martins ALMEIDA JR. Textos de Luís Gonzaga Duque Estrada, Luís Martins e Sérgio Milliet. São Paulo: Círculo do Livro, 1985. (Grandes artistas brasileiros), p. 9.

Caipira picando fumo, 1893
José Ferraz de Almeida Júnior
(1850-1899)

Óleo sobre tela, 199 x 140 cm

Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo - SP



Apreciação

- Observe bem a imagem com seus alunos. O que este homem está fazendo? Como ele está vestido? O que você vê neste cenário? Onde ele está sentado? Como são os seus pés? Como são suas mãos? O que elas seguram?
- Como é o seu rosto? Como são os seus olhos? Para onde está olhando? O que há em sua orelha? Qual é a cor do seu cabelo e como ele está? Como está o seu corpo? Que partes do seu corpo podemos ver?
- Qual é a cor predominante da pintura?
- De onde vem a luz?

Reflexão/Discussão

- Que idade aparenta ter?
- Qual seria a sua profissão?
- Olhando o fundo da imagem, você pode descrever como seria a casa desse homem, por dentro?
- Pergunte a seus alunos o que eles acreditam que tenha sido comprado e o que foi feito pelo próprio homem, levando em consideração a casa, as roupas, utensílios e mobiliário.
- A parede à mostra da casa do homem é feita dos mesmos materiais de construção de casas de hoje em dia? Quais materiais de construção podemos identificar em sua casa?
- As sombras presentes no quadro sugerem a existência de que outros elementos que o enquadramento esconde?
- Pergunte a seus alunos como se vestem as pessoas da área rural de sua cidade

Contextualização

Executada em 1893. Exposta já no ano seguinte no Salão Nacional de Belas Artes (ao lado de várias outras do pintor, entre elas *Leitura*, *A Pintura e Amolação Interrompida*), desde então é considerada uma das principais obras regionalistas do seu autor. A Pinacoteca de São Paulo possui também o estudo, de 70 x 50 cm.

Sugestões de Atividades

- Se na sua cidade houver pessoas que vivem ou viveram sob as mesmas condições que o homem do quadro, convide uma delas para visitar sua sala de aula e contar a seus alunos como são (ou eram) seus hábitos, seu cotidiano, sua alimentação, a relação com o tempo fora do perímetro urbano, etc.
- Veja com eles o filme *A marvada carne* (dir. André Klotzel, com Fernanda Torres, 1985, comédia, 80 minutos).
- Peça para seus alunos para criarem uma cena onde eles estivessem chegando a esse local da obra e dialogando com o personagem.
- Faça uma comparação entre esta obra e o personagem “Chico Bento” de Maurício de Sousa.

Biografia do artista

ELISEO D'ANGELO VISCONTI
(1866-1944)

Nascido em Santa Caterina, Comuna de Giffoni Valle e Piana em Salerno (Itália) e falecido no Rio de Janeiro. Pintor, desenhista e professor. Algumas obras: *A Anunciação*; *Oréades*; *Gioventù*; *Sonho Místico*; *A Providência Guiando Cabral*; *Morte de Cleópatra*; *São Sebastião*; *Maternidade*.

Pintor, decorador, professor e designer. Eliseu Visconti (Eliseo D'Angelo Visconti) é natural de Salerno, Itália. Em 1867, vem com a família para o Rio de Janeiro. Estuda no Liceu de Artes e Ofícios, em 1884, sendo aluno de Victor Meirelles e Estêvão Silva. Entre 1885 e 1889, cursa a Academia Imperial de Belas Artes, tendo como professores Zeferino da Costa, Rodolfo Amoedo, Henrique Bernardelli, Victor Meirelles e José Maria de Medeiros. Em 1889, abandona a Academia para integrar o Ateliê Livre, que tem como objetivo a atualização do ensino acadêmico. Em 1892, vai a Paris como pensionista do Estado e ingressa na Escola de Belas Artes; cursa paralelamente arte decorativa na Escola Guérin. Em 1900, regressa para o Brasil, expondo pela primeira vez na Escola Nacional de Belas Artes, em 1901. Executa o ex libris para a Biblioteca Nacional e vence o concurso para selos postais e cartas-bilhetes, em 1903. Entre 1907 e 1914, é professor de pintura histórica na Escola Nacional de Belas Artes. É convidado pelo prefeito do Rio de Janeiro para pintar o pano de boca do Teatro Municipal, concluído em 1908, realizando também, entre 1913 e 1916, a decoração do foyer. Segundo alguns estudiosos é considerado o precursor do design no Brasil.

Outras obras do artista nesta exposição

Maternidade, 1906

Oréades, 1899

Recompensa de São Sebastião, 1898

Auto-retrato ao ar livre, 1943

Providência guiando Cabral, 1899

Gioventù, 1898

Eliseo D'Angelo Visconti

Óleo sobre tela, 065 x 049 cm

Acervo do Museu Nacional de Belas Artes - RJ



Apreciação

- Olhe atentamente para esta imagem e peça aos estudantes que descrevam o que estão vendo: Como é esta pessoa? Qual a cor de seus cabelos e como são? Como é o seu rosto? Como são os seus olhos? Para onde está olhando? Como é a sua boca? Que partes do seu corpo podemos ver? Como estão as suas mãos? Como ela está vestida?
- Existe algo atrás da pessoa? E dos lados? Em que tipo de lugar ela parece estar?
- O que ela está fazendo?

Reflexão/Discussão

- O que ela pode estar pensando?
- Qual pode ser a sua profissão?
- Qual poderia ser a sua idade?
- Qual é o clima deste quadro?
- Que idade aparenta ter?
- Discuta com seus alunos as várias maneiras de se pintar um retrato: utilizando modelos, fotografia ou a memória.
- Pergunte-lhes quanto tempo uma modelo pode suportar uma pose.

Contextualização

Eliseo Visconti deixou numerosos nus, datados principalmente do início de sua carreira, além de muitos estudos de academia realizados no Rio de Janeiro ou em Paris (*Duas Irmãs*, 1894; *Sonhando*, 1895; *Fatigada*, 1898; *Mulher Dormindo*, 1900; *Primavera*, 1912; etc.). Possivelmente *Gioventù* pode ser considerada a obra-prima do artista no gênero, e também uma das obras-primas da pintura brasileira de todos os tempos por muitos considerada a *nossa Mona Lisa*.

Sugestões de Atividades

- Propicie a possibilidade de toda a turma passar pela experiência difícil de posar para um desenho e/ou pintura. Vale lembrar que uma pintura é um processo mais demorado e exige muitas sessões.
- Discuta sobre a importância do trabalho de modelo.

ELISEO D'ANGELO VISCONTI
(1866-1944)

“Com Rodolfo Amoedo, Henrique Bernardelli, J. Medeiros e Zeferino da Costa, aprendeu um ofício - o ofício do pintor. Mas foi consigo mesmo, passando na Europa por um estágio útil de observação dos mestres, principalmente dos venezianos, que aprendeu algo mais sério e mais profundo que é a pintura propriamente dita, a pintura que nos deu na madureza e que vale independentemente da influência que possam ter os nossos sentidos os temas que representa. Não se contentou em pintar por moldes ou imitar o já feito. Criou. Plasmou um estilo. Firmou uma personalidade. E por isso, porque ultrapassou os limites do ofício, é ele o grande pintor que é. Não pararia nunca. Ele repetia sempre, a discípulos e amigos, que Arte é movimento e que ao artista, eterno insatisfeito, como à vida, só a morte poderá deter. E só ela, com efeito, o deteve.”

Frederico Barata BARATA, Frederico. *Eliseu Visconti e seu tempo*. Rio de Janeiro, Livraria Editora Zelio Valverde, 1944, p.192-194.

Maternidade, 1906

Eliseo D'Angelo Visconti
(1866-1944)

Óleo sobre tela, 165 x 200 cm
Acervo da Pinacoteca do Estado de
São Paulo - SP



Apreciação

- Quantas pessoas você vê? O que elas estão fazendo?
- Observe as crianças da cena. O que elas estão fazendo? Como estão vestidas?
- Que objetos você vê nessa imagem? De que materiais são construídos?
- Em que lugar se passa a cena? Descreva o ambiente.
- Observe a mulher. Qual é a sua posição? Como é o seu rosto? Como ela está vestida? Para onde ela olha?

Reflexão/Discussão

- Qual seria a idade dessa mulher?
- Imagine e descreva como seria a casa dessa família.
- Observe esta obra juntamente com a *Maternidade* de H. Bernardelli. Analise: Quais as semelhanças entre essas mulheres? Quais os tecidos de suas roupas? O que cada uma delas tem sobre a cabeça? Como estão vestidas as crianças que elas seguram?

Contextualização

Exposta no Salon de Paris no mesmo ano de sua execução, uma das atrações da Exposição Geral de Belas Artes do Rio de Janeiro em 1908, *Maternidade* é sem dúvida das obras mais delicadas, mais poéticas de Visconti. Ao fundo os contornos do Jardim de Luxemburgo, em Paris.

Sugestões de Atividades

- Comparando as duas obras de nome *Maternidade*, peça a seus alunos que imaginem quem serão essas crianças das obras quando se tornarem adultas: as profissões que exercerão, etc.
- Crie com seus alunos um encontro entre essas crianças adultas, imaginando diálogos, nomes, local, etc.
- Imagine um encontro entre as duas mães. Observe também a obra *A Caridade*, de Zeferino da Costa. Escreva um diálogo/redação entre todos os personagens.

Biografia do artista

HENRIQUE BERNARDELLI (1858-1936)

Nascido em Valparaíso (Chile) e falecido no Rio de Janeiro, foi pintor, professor e desenhista. Decorou também o Teatro Municipal e a Biblioteca Municipal do Rio de Janeiro. Algumas Obras: *Tarantela; Maternidade; Messalina; Modelo em Repouso; Ao Meio Dia; Bandeirantes; Proclamação da República.*

Henrique Bernardelli vem para o Rio de Janeiro, em 1865, acompanhando seus pais. No ano de 1867, os Bernardelli já estão como preceptores das princesas imperiais. Entre 1870 e 1878, na Academia Imperial de Belas Artes, é aluno de Victor Meirelles, Zeferino da Costa e Agostinho da Motta. Em 1879, viaja a Europa por conta própria, estuda no ateliê de Domenico Morelli, em Roma. De volta para o Brasil, realiza sua primeira exposição individual na Academia Imperial, em 1886, expondo, entre outras obras, a *Tarantela*, *Maternidade*, *Messalina*, *Modelo em Repouso*, *Ao Meio Dia*. Em 1890, realiza vários painéis de decoração para a Biblioteca Nacional, para o Teatro Municipal, para o Instituto Nacional de Música, no Rio de Janeiro, e para o Museu Paulista, em São Paulo. Segundo Teixeira Leite, suas obras mais importantes são os 22 medalhões em afresco na fachada do Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro que, expostos em 1916, recebem medalha de honra. Entre 1891 e 1906 leciona na AIBA e, entre 1908 e 1936, dedica-se ao magistério particular. São seus alunos Eliseo Visconti, Anita Malfatti, Di Cavalcanti e Portinari. Em sua homenagem e ao seu irmão Rodolfo, um grupo de alunos que contestavam o ensino da arte na Escola Nacional de Belas Artes cria um ateliê livre de pintura denominado Núcleo Bernardelli em 1931.

Outra obra do artista nesta exposição

A messalina, 1878/1886

Maternidade, 1878

Henrique Bernardelli

Óleo sobre tela, 150 x 100 cm

Acervo do Museu Nacional de Belas Artes – RJ



Apreciação

- Quantas pessoas você vê? O que elas estão fazendo?
- Em que lugar acontece essa cena? Descreva o ambiente.
- Que cores são predominantes na cena?
- Observe a mulher. Qual é a sua posição? Como é o seu rosto? Para onde ela olha? Como está vestida? O que traz sobre a cabeça? Como está o seu corpo? Que partes podemos ver?
- Observe a criança. O que ela faz? Como está vestida? Como é a sua pele? Qual a cor dos seus cabelos?

Reflexão/Discussão

- Qual seria a idade da mulher?
- Imagine como seria a casa e a família das pessoas da imagem.
- Compare esta obra com *A caridade* de Zeferino da Costa e analise as seguintes observações: Qual seria a condição social das crianças representadas nesta imagem? Caso a mulher da obra *Maternidade* de Bernardelli fosse colocada na obra *A caridade*, em que local ela estaria?

Contextualização

Maternidade data do tempo em que Henrique Bernardelli estudava na Itália, e mostra uma jovem e pálida mulher que, envolta em pesados mantos, amamenta seu bebê, sentada num recanto de jardim. Trata-se de um belo trabalho de boa pintura, na melhor maneira oitocentista italiana na qual foi treinado seu autor.

Sugestões de Atividades

- Após comparar esta pintura de Bernardelli com a *MATERNIDADE* de Visconti, peça para que seus alunos façam um desenho ou uma pintura de uma cena que ilustre desigualdades sociais.
- Peça aos estudantes que elaborem sua própria *MATERNIDADE* em argila, tecido, desenho ou pintura.

Biografia do artista

JOÃO ZEFERINO DA COSTA (1840-1915)

Nascido e falecido no Rio de Janeiro. Algumas obras: *Moisés Recebendo as Tábuas da Lei*; *A Caridade*; *O Óbulo da Viúva*; *A Pompeana*.

Pintor, desenhista e professor. Zeferino da Costa (João Zeferino da Costa) ingressa na Academia Imperial de Belas Artes, em 1857, sendo orientado em pintura histórica por Victor Meirelles. Durante o curso obtém diversas premiações, entre elas o prêmio viagem à Europa em 1868. Em Roma, matricula-se na Academia de São Lucas, tendo aulas com Cesare Mariani, conceituado pintor de história e decorador de igrejas. Em 1877, após nove anos de estudos, especialização e viagens pela Europa, retorna para o Brasil e é nomeado professor da Academia Imperial. Leciona pintura histórica, desenho, pintura de paisagem e desenho de modelo vivo, orientando vários artistas, entre eles Castagneto, Oscar Pereira da Silva, Belmiro de Almeida e Henrique Bernardelli. De 1880 a 1883, realiza seis grandes painéis para a recém-construída Igreja da Candelária, no Rio de Janeiro, considerados sua principal obra.

Outras obras do artista em exposição

A Pompeana, 1876

Cabeça de Mulher, 1871

O óbulo da viúva, 1876

A Caridade, 1872

João Zeferino da Costa

Óleo sobre tela, 86,5 x 111 cm

Acervo do Museu Nacional de Belas Artes – RJ



Apreciação

- Como é o cenário desta imagem?
- Existe homogeneidade nas cores?
- De onde vem a luz dessa imagem?
- Quantas pessoas existem nessa imagem?
- Qual é a cor predominante dessa obra?
- Como são as paredes e as portas da casa?

Reflexão/Discussão

- Quais as possíveis idades de cada uma dessas pessoas?
- Qual é a relação entre essas pessoas?
- O que elas estão fazendo?
- Quais são as semelhanças e as diferenças entre as pessoas dessa imagem?
- O que há de particular e o que há de universal nessa imagem?
- Fale sobre os objetos dessa cena.
- Quem é a pessoa que está à porta? Qual sua profissão?

Contextualização

Obra convencional ao extremo, obediente aos postulados do chamado Realismo Burguês, *Caridade* foi pintada em Roma, durante a permanência de Zeferino da Costa naquela capital, para onde foi depois de concluir, com o prêmio de viagem, o curso da Academia Imperial de Belas Artes, em 1868.

Sugestões de Atividades

- Peça aos estudantes para criarem uma história sobre o que está acontecendo na cena, imaginando como seriam os arredores da casa, os ruídos, etc.
- Discuta com os estudantes os conceitos de caridade e cidadania no contexto de sua cidade, escola, bairro, país...

Biografia do artista

PEDRO AMÉRICO DE FIGUEIREDO E MELO (1843-1905)

Nascido em Areias (PB) e falecido em Florença (Itália). Pintor, desenhista e professor. Algumas obras: *A Carioca*; *Sócrates afastando Alcebiades do Vício*; *Batalha do Avaí*; *David e Abizag*; *Judite e Holofernes*; *O Voto de Heloísa*; *A Carioca*; *Joana d'Arc*; *Moisés e Jocabed*; *Rabequista Árabe*; *A Independência do Brasil (O Brado do Ipiranga)*, *A Noite com os Gênios do Estudo e do Amor*. Teve como professores Horace Vernet, Ingres e Leon Cogniet.

Além de pintor, desenhista, professor, foi caricaturista e escritor. Pedro Américo de Figueiredo e Melo acompanha, como desenhista, a expedição científica do naturalista francês Jacques Brunet ao nordeste do país em 1853. No ano seguinte, reside no Rio de Janeiro, onde estuda no Colégio Pedro II e na Academia Imperial de Belas Artes, Aiba, em 1856. Entre 1859 e 1864, com bolsa concedida por D. Pedro II, estuda com Ingres e Horace Vernet na Academia de Belas-Artes, em Paris. Cursa ciência experimental com Claude Bernard, Despretz e Sainte Claire Deville, na Universidade de Sorbonne. Em 1864, é condecorado pelo Rei da Prússia, e volta ao Brasil e passa a lecionar desenho na Aiba. Entre 1862 e 1869, estuda na Universidade de Bruxelas (Bélgica), onde recebe o título de doutor em ciências naturais. Torna-se professor de estética, história da arte e arqueologia na Aiba em 1870. Nos anos de 1870 e 1871, paralelamente às atividades de professor e pintor, é responsável pela publicação ilustrada *A Comédia Social*, uma revista de caricatura. Durante um período divide-se entre Florença e o Rio de Janeiro, reassumindo a cadeira na Aiba em 1885. Em 1877, pinta *Batalha de Avaí*, considerada a obra-prima de Pedro Américo. Entre 1886 e 1888, pinta a famosa tela *Independência ou Morte*. É deputado da Constituinte pela Paraíba, em 1890, e em 1894 retorna à Florença.

Outras obras do artista nesta exposição

A carioca, 1882

A noite acompanhada dos gênios do estudo e do amor, 1883

Tiradentes esqueteado, 1893

Davi nos últimos dias de sua decrepitude é aquecido pela jovem Abizag, 1879 c.

O voto de Heloísa, 1880

Pedro Americo de Figueiredo e Melo

Óleo sobre tela, 150 x 104 cm

Acervo do Museu Nacional de Belas Artes – RJ



Apreciação

- Olhe atentamente para esta imagem e peça aos estudantes que descrevam o que estão vendo: Como é esta pessoa? Como ela está vestida? Fale sobre sua roupa: como é o tecido dessa veste? Que partes de seu corpo podemos ver? Qual é a sua posição?
- Como são seus olhos? Para onde ela está olhando? O que ela vê?
- Como são suas sombrancelhas? Como é a sua pele? Como é seu rosto? Como está a sua boca?
- Como estão suas mãos? Que objeto elas seguram? Que objeto ela tem em seu braço?
- O que você vê na margem esquerda do quadro?
- Existe algo atrás da pessoa? E ao fundo?
- Descreva os objetos que você vê do lado direito dessa imagem.
- Fale sobre os materiais, cores, texturas, sons, luminosidade.

Reflexão/Discussão

- O que parece estar fazendo e pensando?
- Em que tipo de lugar ela parece estar?
- Que cheiros/aromas podemos sentir nesse ambiente?
- Que idade aparenta ter?

Contextualização

Exibida no Rio de Janeiro na Exposição Geral de 1884 ao lado de diversos outros óleos do autor, *Voto de Heloísa* cedo iria tornar-se uma de suas obras mais conhecidas e admiradas, pertencendo desde 1885 à Pinacoteca Nacional. É curioso também ressaltar que Pedro Américo em ao menos outro ensejo abarcou tema idêntico - em *O noviciado*, no qual o jovem sacerdote tem sua atenção desviada do altar pela visão de uma jovem em atitude provocante.

Sugestões de Atividades

- Fale para seus alunos que o tema desta pintura retrata uma história verídica do século XII, na França (Abelardo e Heloísa: ver na bibliografia o livro de correspondências entre os dois).
- Peça a seus alunos pesquisarem histórias de amores impossíveis ou com final trágico (Édipo e Jocasta, Iracema, Moema, Ceci e Peri, Romeu e Julieta, etc.) e criarem desenhos ou colagens para ilustrá-los.
- Veja o filme "Em nome de Deus" (1988, 105 minutos, Inglaterra / Iugoslávia, direção de Clive Donner), que conta a história de Abelardo e Heloísa e separe algumas cenas para mostrar a seus alunos.
- Sugestões de pesquisa com o tema *Amores Difíceis*, para educadores e estudantes de ensino médio e superior: *Os amores difíceis*, de Italo Calvino (Companhia das Letras); *A esposa do veneziano*, de Nick Bantock (Editora Marco Zero); *O caminho do meio: onde termina a extraordinária correspondência de Griffin e Sabine*, de Nick Bantock (Editora Marco Zero); *Agenda de Sabine: na qual a extraordinária correspondência de Griffin e Sabine continua*, de Nick Bantock (Editora Marco Zero); *Griffin e Sabine*, de Nick Bantock (Editora Marco Zero).

PEDRO AMÉRICO DE FIGUEIREDO E MELO (1843-1905)

“Não nos esqueçamos de que Pedro Américo é um espirituoso e admirável caricaturista. Ao lápis de Meissonier, na correção do perfil, e à graça superabundante de Henry Monnier, nada tem a desejar a veia rica, chistosa, original e espontânea de Pedro Américo. Ainda não há muito que ele desenhou um jornal ilustrado com incontestável perícia e espírito, a *Comédia Social*, em que tinha por colaborador seu irmão Aurélio de Figueiredo, jovem e esperançoso aluno da nossa Academia”.

Herman Lima

LIMA, Herman. *História da Caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1963, p. 840-841.

A Noite acompanhada dos gênios do Estudo e do Amor, 1883

Pedro Américo de Figueiredo e Melo (1843-1905)

Óleo sobre tela, 260 x 195 cm

Acervo do Museu Nacional de Belas Artes - RJ



Apreciação

- O que você vê nessa imagem?
- O que há por trás das figuras?
- Quantos personagens existem nessa obra?
- Como está vestida a mulher no centro da imagem?
- Como é o seu rosto? Como são seus olhos? O que ou quem ela olha? Qual a cor e como são os seus cabelos?
- Qual a posição de seu corpo? Quais partes, deste corpo, estão visíveis? O que ela segura em suas mãos?
- Como é o seu corpo da personagem que está à direita do quadro? Qual a cor de seu cabelo? Que objeto segura em suas mãos? O que pode estar fazendo? Para onde olha?
- Fale sobre a personagem à esquerda da obra. O que ela segura em suas mãos? O que ela está fazendo? Como é o seu corpo? Como são os seus olhos? Para onde olha? Qual a cor e como estão os seus cabelos?

Reflexão/Discussão

- Que recursos o artista utilizou para dar a sensação de movimento à imagem?
- Existe algum animal? Qual? O que ele simboliza?
- O que você acha que esta mulher está fazendo? Em que ela pode estar pensando?
- Aproveite a temática dessa imagem para trazer aos seus alunos outros significados, personagens e associações com a noite: figuras do folclore, como por exemplo o lobisomem, a mula sem cabeça, negrinho do pastoreio, etc.

Contextualização

Representa Nix, a deusa da obscuridade, que com sua taça repleta de estrelas e acompanhada pelos pequeninos gênios noturnos do Estudo e do Amor atravessa os espaços, deixando-os iluminados com o clarão dos astros que caem... A figura da deusa, uma jovem e bela mulher, acha-se envolta em um véu negro e semitransparente que lhe realça as formas ao mesmo tempo em que lhe atenua a nudez. A seus pés uma coruja, símbolo da Sabedoria e também da Noite...

Essa pintura, profundamente romântica e certamente muito superior a outras de igual temática foi severamente criticada quando exposta no Rio de Janeiro.

Sugestões de Atividades

- Sabendo o título dessa obra peça para seus alunos identificarem qual dos gênios se refere ao amor e qual ao estudo, ressaltando os objetos que formam a sua alegoria na imagem.
- Peça para seus alunos imaginarem e desenharem um gênio.
- Assista com eles ao filme *“Fúria de Titãs”* (1981, 117 minutos, Inglaterra, direção de Desmond Davis), aproveitando-o, juntamente com a obra, para ilustrar e discutir temas mitológicos.
- Sugira a ilustração dos personagens noturnos do folclore e a criação de histórias de mistério sobre o assunto.
- Faça uma sessão de leitura de contos, poemas e crônicas onde a noite seja presente.

Biografia do artista

MODESTO BROCOS y GOMES (1852-1936)

Nascido em Santiago de Compostela (Espanha) e falecido no Rio de Janeiro (RJ). Pintor, gravador de xilogravuras e professor. Foi igualmente professor de Gravura no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, núcleo de onde se desenvolveria a gravura de arte no Brasil. Algumas obras: *A Defesa de Lugo*; *Engenho de Mandioca*; *A Descascar Goiabas*; *A Peneirar Café*; *Redenção de Cã*.

Aluno de Victor Meirelles e Zeferino da Costa. Viajando em 1877 para a Europa, cursou dois anos a École des Beaux Arts de Paris, onde estudou com o grande Georges Seurat. Insatisfeito com o ensino tradicionalista ministrado por Lehmann, em 1879 achava-se de novo na Espanha, tendo freqüentado em Madri a Academia de Belas Artes de San Fernando e o ateliê de Frederico Madrazo. Mas em 1881 outra vez vê-lo em Paris, aluno de Hébert na École des Beaux Arts. Um seu auto-retrato, exposto no Salon de 1882, desperta admiração e é reproduzido no periódico *L'Art*. Em 1882, com bolsa de estudos instituída por sua província natal, segue para Roma, freqüentando até 1886 a Academia Chigi, para no ano seguinte, já em Madri, concluir *A Defesa de Lugo*, uma vasta composição histórica, hoje na Prefeitura de Havana. Em 1888 expõe xilogravias no Salon de Paris para, dois anos mais tarde, retornar ao Brasil, acedendo a convite de Rodolfo Bernardelli, que assumira a direção da Escola Nacional de Belas Artes e lhe acenara com um cargo de ensino na instituição. Professor de Desenho Figurado, na vaga de Pedro Weingärtner, Brocos exercerá doravante o magistério com seriedade e eficiência, tornando-se professor extraordinário em 1911 e catedrático em 1915.

Engenho de Mandioca, 1892

Modesto Brocos y Gomes

Óleo sobre tela, 059 x 75,5 cm
Acervo do Museu Nacional de
Belas Artes – RJ



Apreciação

- Quantas pessoas é possível ver neste quadro? Qual é a posição das pessoas?
- Todas as pessoas do quadro estão realizando as mesmas ações?
- Quais as cores predominantes das roupas das pessoas?
- Onde se passa a cena?
- Como são as paredes e a janela?

Reflexão/Discussão

- Por quê, na sua opinião, há uma moça do lado direito do quadro olhando para fora do enquadramento da imagem?
- Pergunte a seus alunos que tipos de comida são possíveis de se fazer com mandioca e quais os subprodutos dela.
- Narre a eles a lenda brasileira que fala do surgimento da mandioca.
- Qual seria a relação entre as pessoas dessa imagem?
- O que pode haver nos arredores?

Contextualização

É uma das várias pinturas de costumes roceiros produzidas por Brocos. Exposta em 1892, na primeira mostra realizada pelo artista no Rio de Janeiro, foi então adquirida para a Pinacoteca da Escola Nacional de Belas Artes, passando, em 1937, ao acervo do Museu Nacional de Belas Artes.

Sugestões de Atividades

- Imagine, com seus alunos, quantos e quais são os ruídos presentes na cena.
- Compare este quadro com ARRUFOS e peça a seus alunos que criem uma história envolvendo os personagens dos 2 quadros.

Biografia do artista

JOSÉ CORREIA DE LIMA
(1814-1857)

Nascido em Minas Gerais e falecido no Rio de Janeiro. Algumas obras: *Magnanimidade de Vieira*; *Retrato do Imperador*; *Francisco Manuel ditando o Hino Nacional às suas Enteadas*; *Retrato do intrépido marinheiro Simão, carvoeiro do vapor Pernambucana*.

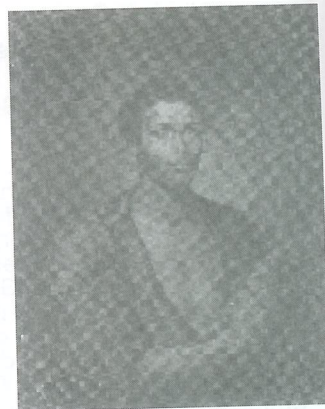
Tendo se matriculado em 1826 na Academia Imperial de Belas Artes, que então se abria, cursou a classe de Pintura Histórica de Debret e a de Arquitetura de Grandjean de Montigny, expondo na primeira mostra escolar, organizada em 1829 por Debret, cópias de detalhes arquitetônicos. Na I Exposição Geral de Belas Artes, realizada em 1840, exibiu retratos que lhe valeram medalha de ouro: na II, efetuada no ano seguinte, *Magnanimidade de Vieira* granjeou-lhe o Hábito de Cristo, no grau de Cavaleiro; tomara ainda parte nas exposições de 1843, 1845 (*Retrato do Imperador*), 1846, 1848 e 1850. Correia de Lima exerceu ainda o magistério, tendo sido nomeado em 1837 substituto da cadeira de Pintura Histórica, passando em 1840 a catedrático (*proprietário*), sucedendo em tal cargo a Manuel de Araújo Porto-alegre. Seu aluno mais destacado, sobre o qual exerceria discreta influência, foi Vítor Meireles de Lima.

Retrato do intrépido marinheiro Simão, carvoeiro do vapor Pernambucana, 1853

José Correia de Lima

Óleo sobre tela, 92,5 x 72,3 cm

Acervo do Museu Nacional de Belas Artes – RJ



Apreciação

- O que você vê nessa imagem?
- O que o personagem segura em suas mãos? Como é o seu nariz e a sua boca?
- Como é seu rosto? Como é sua pele? Como são seus cabelos? E seus olhos?
- Para onde está olhando? Como são suas sobrancelhas? Que partes de seu corpo podemos ver?
- Como ele está vestido?
- Qual é a cor predominante nessa imagem?

Reflexão/Discussão

- Comente com seus alunos que algumas nações indígenas acreditavam que se uma pessoa fosse retratada, sua alma seria aprisionada.
- Comente também que por muito tempo a Igreja Católica discutiu se índios e negros teriam alma.
- Relacione os comentários acima com o fato de que o gênero Retrato era considerado uma das formas de pintura mais nobres e importantes no século XIX.
- Peça para seus alunos observarem as diferenças físicas entre os colegas de sala, fazendo exercícios escritos, falados e desenhados sobre tipos de olhos, cor de pele, cabelo, nariz, orelhas, bocas, etc. Ressalte a importância e a riqueza da diversidade étnica da sua sala de aula.

Contextualização

O marinheiro Simão é um herói. Bravamente salvou pessoas de um naufrágio em Santa Catarina. Talvez seja este o único motivo de um negro e, provavelmente, um escravo ter um retrato seu pintado por ninguém menos que José Correia de Lima, nesta época dono da cadeira de Pintura Histórica da Academia Imperial de Belas Artes. Vale acrescentar que o Retrato era considerado um gênero nobre dentro da pintura do século XIX.

Sugestões de Atividades

- Falar sobre o retrato, auto-retrato e a importância disso numa sociedade onde a fotografia praticamente acabara de ser inventada.
- Peça para seus alunos realizarem desenhos de retratos (dos próprios colegas) e auto-retratos. Proponha uma pesquisa com outros artistas e obras que tragam retratos e auto-retratos.
- Discuta com eles as diferenças entre um retrato feito por um fotógrafo e um retrato feito por um pintor.

Biografia do artista

BELMIRO BARBOSA DE ALMEIDA (1858-1935)

Nascido em Serro (MG) e falecido em Paris. Foi caricaturista e chargista. Algumas obras: *Dame à la Rose*; *Amuada*; *Mulher em Círculos*; *Arrufos*.

Desenhista, caricaturista, escultor e professor. Belmiro Barbosa de Almeida frequenta o Liceu de Artes e Ofícios e a Academia Imperial de Belas-Artes, entre 1869 e 1880, no Rio de Janeiro, onde estuda com Agostinho da Motta, Zeferino da Costa e José Maria de Medeiros. Em 1878, estuda com Henrique Bernardelli e Rodolfo Amoedo em ateliê livre. Entre 1879 e 1883, leciona desenho no Liceu de Artes e Ofícios, e dez anos mais tarde na Escola Nacional de Belas-Artes. Atua como Conservador na Pinacoteca da Academia Imperial de Belas-Artes, em 1883. Em 1888, em Paris (França), estuda pintura com Georges Seurat na École de Beaux Arts. Permanece entre Paris e Roma, até 1893, estudando com recursos próprios e com a ajuda de amigos, dentre os quais, Rodolfo Bernardelli. Como caricaturista, trabalha em diversas revistas. Funda o Salão dos Humoristas, em 1914. Em 1925, realiza o projeto escultórico para o túmulo do Presidente Afonso Pena, no Rio de Janeiro.

Arrufos, 1887

Belmiro Barbosa de Almeida

Óleo sobre tela, 089 x 116 cm

Acervo do Museu Nacional de Belas Artes – RJ



Apreciação

- O que aconteceu nesta cena?
- Como é o ambiente desta cena? Que lugar é esse?
- As cores são homogêneas?
- Olhe para o homem. Como está o seu corpo? Como ele está vestido? Como está a sua mão esquerda? O que ele segura na mão direita? Como é o seu rosto? Como são os seus olhos? O que ele observa e para onde ele dirige o olhar? Que idade aparenta ter? Qual poderia ser a sua profissão? Que idade ele aparenta ter?
- Olhe para a mulher. Como está o seu corpo? Que partes de seu corpo podemos ver? Como ela está vestida? Como é o seu rosto? O que ela olha? Como está a sua cabeça? Qual é a cor de seus cabelos? E como ele está arrumado? O que ela pode estar pensando? O que ela está fazendo? Que idade ela aparenta ter?
- Qual é a relação entre essas pessoas? Qual é o clima entre elas, nesse ambiente?

Reflexão/Discussão

- Veja com seus alunos o significado da palavra “Arrufos” no dicionário
- O que há no chão? O que isso pode simbolizar?
- Observe separadamente o homem e a mulher. O que eles estão fazendo? O que estão pensando?

Contextualização

Essa pintura, executada numa época em que só contavam os assuntos históricos, as cenas bíblicas, as grandes batalhas ou os retratos de comandadores, representou certo rompimento com a tradição: Belmiro enfrentava um tema comum, do dia-a-dia de tantos casais. Gonzaga Duque (que posou, aliás, para a figura masculina da composição), escreveu longamente sobre Arrufos, em seu livro *Arte brasileira*, dizendo, entre outras coisas. Belmiro fez bem em pintar este quadro. A sua pintura, disse eu, tem semelhança com o seu vestuário. É alegre, é caprichosa, é nova. As tintas são claras e simpáticas, os toques são rápidos, largos e bem lançados. Nenhuma pretensão a empastamento, nenhuma pretensão a mancha descurada se notam neste trabalho. O toque é sempre apropriado. Os estofos, a carne, os metais têm aí a sua tonalidade justa, exatíssima. O *foulard* que veste a mulher, a casemira de que é feita a roupa do homem, os panos que estão na parede de fundo, as almofadas do divã, o estofado do *fauteuil* e o pedaço de seda que cai em dobras da banquetta do primeiro plano são pintados com a máxima precisão e delicadeza.

Sugestões de atividades

- Crie, com seus alunos, uma história com diálogos para esta cena, dando nomes aos personagens, etc.
- Peça a seus alunos que procurem imagens de casais, ou homens e mulheres separadamente em revistas, para que seja feita uma colagem e posterior criação de uma história.
- Imagine um dia na vida dessas pessoas. Pense sobre suas atividades cotidianas, afazeres, amigos, preocupações, desejos, sonhos; procure contextualizar isso no período do século XIX. Crie uma história a partir disso e ilustre essa situação com desenhos e/ ou colagens.

LINHA DO TEMPO - O SÉCULO XIX NO BRASIL E NO MUNDO

MUNDO

1801

1810

HISTÓRIA

1803 – Os negros proclamam a independência do Haiti

1804 – Início do período do Império Napoleônico que se estende até 1815

1807 – Napoleão decreta bloqueio continental ao Reino Unido

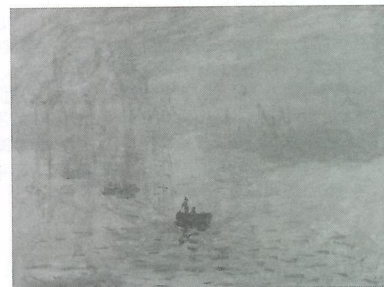
1815 – Napoleão Bonaparte é derrotado na Batalha de Waterloo

– O Congresso de Viena reorganiza o Mapa da Europa após a derrota de Napoleão

1818 – Independência do Chile, liderada por José de San Martín



O terceiro de maio, 1808
Francisco de Goya, 1746 - 1828



Impressão Sol Nascente, 1872
Claude Monet, 1840 - 1926

CENÁRIO CULTURAL E CIENTÍFICO NO MUNDO

1808 – Goya pinta "*Três de Maio*" sobre a invasão napoleônica na Espanha

1812 – George Cuvier cria na França a paleontologia

1814 a 1875 – François **Millet** – pintor paisagista francês

1815 – Gioacchino Rossini escreve a ópera "*O Barbeiro de Sevilha*"

1819 a 1877 – Gustave **Coubert** – pintor realista francês

1820

1821 – Simon Bolívar lidera a libertação da Colômbia do domínio Espanhol

1823 – A Doutrina Monroe consolida a autonomia dos Estados Unidos da América



Bailarina de catorze anos, 1878
Edgar-Hilaire-Germain Degas, 1834 - 1917

1822 – Invenção da fotografia pelo físico francês Joseph Nicéphore Niépce
– Charles Babbage projeta um computador mecânico

1824 – Beethoven compõe a última de suas nove sinfonias

1825 – Morre Jacques Louis **David** (1748-1825) pintor francês, uma das figuras centrais do Neoclassicismo

1827 – Morre William **Blake** (1757-1827)
– artista, filósofo e poeta inglês, figura importante do período Romântico

1828 – Morre Francisco **Goya** (1746-1828)
– Pintor, desenhista e gravador espanhol

1830

1830 – A Grécia torna-se independente do Império Turco-Otomano

1830 a 1832 – Revoluções Liberais na França e, posteriormente em outras regiões da Europa

1837 a 1901 – Era vitoriana, que marca o apogeu do colonialismo inglês

1838 – Surgem os primeiros sindicatos na Inglaterra (*trade unions*)

1839 a 1860 – China e Reino Unido envolvem-se em dois conflitos conhecidos como Guerra do Ópio



O Pensador, 1880
René François Auguste Rodin, 1840 - 1917

1830 – Victor Hugo encena o drama romântico "*Hernani*", na França

1830 a 1842 – Auguste Comte publica os seis volumes do "*Curso de Filosofia Positiva*"

1835 a 1839 – Louis Daguerre desenvolve o daguerreótipo, primeiro processo fotográfico rudimentar patenteado *através do Brasil*

1840

1842 – Hong Kong torna-se possessão britânica

1845 – Votação do Bill Aberdeen, no Parlamento inglês, medida unilateral que garantia à Marinha Britânica o direito de invadir navios negreiros

1848 – Publicação do Manifesto do Partido Comunista por Karl Marx e F. Engels



O Beijo, 1886
René François Auguste Rodin, 1840 - 1917

1840 – Honoré de Balzac edita a Comédia Humana, que marca a transição para o Realismo

– Primeiro estúdio fotográfico do mundo é inaugurado em Nova York (EUA), por Alexander Wolcott

1845 – William Parsons, Conde Rosse descobre as primeiras galáxias espirais

LINHA DO TEMPO - O SÉCULO XIX NO BRASIL E NO MUNDO

1850

1853 – Guerra da Criméia, entre a Rússia e o Império Turco-Otomano



Auto-Retrato de Goeldi, 1950
Oswaldo Goeldi, 1895 - 1961

1851 – Foucault constrói um pêndulo gigante e comprova a rotação da Terra

1853 – Giuseppe Verdi compõe *"La Traviata"*

1856 – Encontrada primeira ossada de um homem de Neandertal por trabalhadores alemães

1857 – Charles Baudelaire publica *"As Flores do Mal"*, obra precursora do simbolismo

1858 – Elaboração da Teoria da Evolução, por Charles Darwin e Alfred Russel Wallace

1859 – Darwin publica a *"Origem das Espécies"*

1860

1861 – Início da Guerra Civil América, ou Guerra da Secessão entre o norte e o sul dos EUA, que termina em 1865

1863 – Abraham Lincoln emancipa os escravos do sul dos Estados Unidos

1864 – Primeira Internacional dos Trabalhadores, associação do proletariado socialista dirigida por Karl Marx

1867 – Áustria e Hungria se unem numa monarquia dual, o Império Austro-Húngaro, que termina em 1918

1869 – Inauguração do Canal de Suez, no Egito



A pequena Castelã, 1893 - 1895
Camille Claudel, 1864 - 1943

1862 – Victor Hugo lança *"Os Miseráveis"*
– Louis Pasteur defende a teoria de que os micróbios causam doenças

1863 – Começa a funcionar o primeiro metrô em Londres

1864 – Tolstoi publica *"Guerra e Paz"*
– Louis Pasteur aplica ao vinho e à cerveja o processo de pasteurização

1865 – Johann Mendel inaugura a genética com *"Experiências sobre Híbridos das Plantas"*

– Richard Wagner compõe *"Tristão e Isolda"*, tragédia amorosa

1867 – Karl Marx publica o primeiro volume de *"O Capital"*

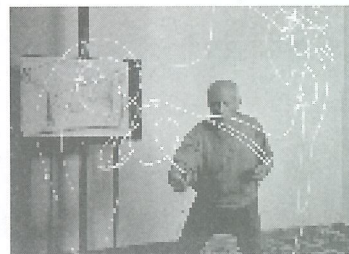
1870

1870 a 1871 – Guerra Franco-Prussiana, que marca o fim da hegemonia na Europa

1871 – Comuna de Paris é instalada e derrotada 72 dias depois
– Otto von Bismarck unifica e proclama o 2º Reich

1876 a 1910 – Ditadura de Porfírio Díaz no México

1879 a 1884 – Guerra do pacífico, em que o Chile vence o Peru e a Bolívia



Picasso desenhando com luz no espaço
Pablo Picasso, 1881 - 1973

1870 – Júlio Verne escreve *"Vinte mil léguas submarinas"*

1872 – *"Impressão: Sol Nascente"*, de Monet, inaugura o impressionismo

1873 – Júlio Verne escreve *"A Volta ao Mundo em 80 dias"*
– Primeiros trabalhos de Muybridge sobre a decomposição do movimento

1876 – Alexander Graham Bell inventa o telefone

1879 – Nasce Albert Einstein
– Thomas Edison inventa a lâmpada elétrica

1880

1882 – Alemanha, Áustria-Hungria e Itália formam a Tríplice Aliança

1884 – A Conferência de Berlim divide a África entre as potências europeias



Os Girassóis, 1888
Vincent Van Gogh, 1853 - 1890

1880 – Rodin esculpe “*O Pensador*”

1881 – Apresentação da escultura de Degas “*Bailarina de Catorze Anos*”, na 6ª. Exposição Impressionista de Paris.

1883 – Nietzsche escreve “*Assim falou Zaratustra*”

1886 – Rodin esculpe “*O Beijo*” e “*Os Burgueses de Calais*”

1887 – Gottlieb Daimler e Karl Benz inventam o automóvel na Alemanha
– Fundação do Théâtre Libre na França, sob influência do naturalismo
– Edmond Rostand escreve “*Cyrano De Bergerac*”

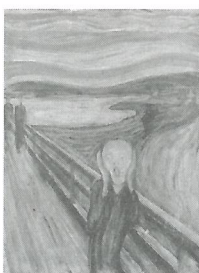
1888 – Heinrich Hertz produz as primeiras ondas de rádio
– George Eastman inventa a primeira câmera portátil, a Kodak
– “*Os Girassóis*” de Van Gogh

1889 – A Torre Eiffel é inaugurada em Paris, França

1890

1894 – Guerra Sino-Japonesa, pelo controle da Coréia, com a derrota da China pelo Japão

1898 – A Guerra Hispano-Americana põe fim à presença espanhola na América



O Grito, 1893
Edvard Munch, 1863 - 1944

1890 – Emil von Behring descobre os anticorpos

1893 – Edvard Munch pinta “*O Grito*”.

1894 – Claude Debussy realiza “*Prelúdio à Tarde de um Fauno*”
– Invenção do cinematógrafo por Luís Lumière

1895 – Os irmãos Lumière exibem os primeiros filmes, marcando a criação do cinema

1896 – Os primeiros jogos olímpicos são disputados em Atenas, na Grécia
– Giacomo Puccini compõe a ópera “*La Bohème*”
– Camille Claudel esculpe “*A pequena Castela*”, em mármore

1897 – Joseph Thomson descobre o elétron
– Debussy compõe “*Noturno*”

1899 – Sigmund Freud publica “*A Interpretação dos Sonhos*”

HISTÓRIA DAS ARTES PLÁSTICAS NA EUROPA

1750 a 1850 – Romantismo e Neoclassicismo
1840 a 1900 – Realismo
1860 a 1900 – Pós-Impressionismo e Simbolismo

PERIODIZAÇÃO DA LITERATURA NO BRASIL

1768 a 1808 – Setecentismo ou Arcadismo
1808 a 1836 – transição (?)
1836 a 1881 – Romantismo
1881 a 1893 – Realismo
1893 a 1922 – Simbolismo

PERIODIZAÇÃO DAS ARTES PLÁSTICAS NO BRASIL

1800 a 1850 – Barroco, Neoclassicismo e Romantismo
1850 a 1900 – Realismo, Naturalismo, Ecletismo

PINTORES DO SÉCULO XIX

Abraham-Louis Buvelot (1814-1888)
Agostinho José da Mota (1824-1878)
Almeida Júnior, José Ferraz de (1850-1899)
Antonio Diogo da Silva Parreiras (1860-1937)
Arthur Timóteo da Costa (1882 - 1922)
Augusto Rodrigues Duarte (1848-1888)
Belmiro Barbosa de Almeida (1858-1935)
Benedito Calixto de Jesus (1853-1927)
Eliseo D'Angelo Visconti (1866-1944)
Estevão Silva (1845-1891)
Félix-Émile Taunay (1795-1881)
Ferdinand Krumholz (1810-1878)
Francisco Aurélio de Figueiredo (1854-1916)
Georg Grimm (1846-1887)
Georgina Moura Andrade de Albuquerque (1885-1962)
Giovanni Battista Castagneto (1851-1900)
Henri Nicolas Vinet (1817-1876)
Henrique Bernardelli (1857-1936)
Jean Baptiste Debret (1768-1848)
João Maurício Rugendas (1802-1858)
José Correia Lima (1814-1857)
José Maria de Medeiros (1849-1925)
Lucílio de Albuquerque (1877-1939)
Manuel de Araújo Porto-Alegre (1806-1897)
Modesto Brocos y Gomes (1852-1936)
Nicola Antonio Facchinetti (1824-1900)
Nicolas Antoine Taunay (1755-1830)
Oscar Pereira da Silva (1867-1939)
Pedro Alexandrino Borges (1864-1942)
Pedro Americo de Figueiredo e Melo (1843-1905)
Rodolfo Amoedo (1857-1941)
Rodolfo Bernardelli (1852-1931)
Rodolfo Chambelland (1879-1967)
Victor Meirelles de Lima (1832-1903)
Zeferino da Costa, João (1840-1915)

LINHA DO TEMPO - O SÉCULO XIX NO BRASIL E NO MUNDO

BRASIL

1801

1810

HISTÓRIA

1807 – As tropas francesas de Napoleão Bonaparte invadem Portugal e a Corte Portuguesa foge para o Rio de Janeiro, trazendo a Real Biblioteca, com 70 mil volumes

1808 – Chegada da Corte Portuguesa ao Brasil

– D. João, príncipe-regente, declara Abertura dos Portos às Nações Amigas

1810 – Tratado do Comércio e Navegação Amizade e Aliança entre Brasil e Inglaterra

1815 – O Brasil é elevado à categoria de Vice-Reino de Portugal e Algarves

1817 – A Revolta Pernambucana contra os portugueses forma um governo independente no Recife

1818 – Dom João é coroado Rei de Portugal, do Brasil e de Algarves, recebendo o título de Dom João VI

1819 – Primeiras experiências de substituição de mão de obra escrava por imigrantes estrangeiros no Brasil



Adro dos Profetas, 1800/1805
Aleijadinho



Frutas do Brasil
Jean Baptiste Debret, 1768 - 1848

CENÁRIO CULTURAL E CIENTÍFICO NO MUNDO

1801 – Manuel da Costa Ataíde pinta o teto da Igreja de São Francisco de Assis em Ouro Preto (MG), concluindo apenas em 1812.

1805 – Alvará obriga à doação de um exemplar de toda obra à Biblioteca Imperial da Corte

– Aleijadinho conclui a construção dos 12 profetas do Santuário de Bom Jesus de Matosinhos (MG)

1808 – Criação de escolas superiores de Medicina no Rio de Janeiro e na Bahia
– Criação do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, destinado à cultura de especiarias e ao estudo da flora brasileira

1814 – A Biblioteca Imperial é aberta à população

1816 – Chegada da Missão Artística Francesa com o intuito de formar a Academia Real de Belas Artes com os artistas: Grandjean de Montigny (arquiteto), Jean Baptiste Debret (desenhista e pintor), Auguste-Marie Taunay (escultor) e Nicolas Antoine Taunay (pintor de paisagens) e seus cinco filhos

1820

1821 – Dom João VI retorna a Portugal e nomeia Dom Pedro príncipe regente

1822 – Independência do Brasil, proclamada por D. Pedro I

1824 – D. Pedro I outorga a primeira Constituição Brasileira

1825 – Nasce Pedro de Alcântara, batizado de D. Pedro

– Portugal e Inglaterra reconhecem a independência do Brasil

– Guerra da Cisplatina entre Brasil e Argentina pela província Cisplatina, que dura até 1828, dando origem ao Uruguai

1826 – Abolição do Tráfico de Escravos

– Dom Pedro I renuncia ao trono de Portugal em favor de sua filha Maria da Glória



Uma senhora brasileira em seu lar
Jean Baptiste Debret, 1768 - 1848

1822 a 1829 – Expedição do Barão de Langsdorf, para pesquisar características geológicas, botânicas e etnográficas. Trouxe ao Brasil Johann Moritz Rugendas

1826 – Fundação da Academia Imperial de Belas Artes, no Rio de Janeiro

1830

1831 – Abdicação de D. Pedro I em favor de D. Pedro II

– Regência Trina Provisória

– Partida de D. Pedro I para a Europa

1834 – D. Pedro I morre em Lisboa

1835 – Eclosão da Cabanagem (Pará) que dura até 1840; Farroupilha (Rio Grande do Sul)

que dura até **1845**; Revolta dos Malês (Bahia); Guerra dos Farrapos (RS), que dura até 1845

1837 – Revolta da Sabinada (Bahia), que termina em 1838

1838 – Revolta da Balaiada (Maranhão), que dura até 1841



Retrato de D. Pedro de Alcântara, 1830
Armand Julien Pallière

1832 – Hércules Florence inventa uma câmera fotográfica rudimentar

1836 – Gonçalves de Magalhães publica "*Suspiros Poéticos e Saudades*", primeira obra romântica do Brasil

1837 – "*A Campainha e o Cujo*", ilustração de Manuel de Araújo de Porto-Alegre, é o primeiro Cartum brasileiro

1838 – Representação do drama "*Antônio José ou O poeta e a Inquisição*", de Gonçalves de Magalhães com a atuação de João Caetano, marcando o início do teatro brasileiro

– Representação da comédia "*O Juiz de Paz na Roça*", de Martins Pena, fundador da Comédia de Costumes brasileira

– Fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

1840

1840 – Golpe da Maioridade de D. Pedro II

1841 – Ritual da Sagração e coroação de D. Pedro II

1842 – Revolução dos Liberais em São Paulo reprime a legislação conservadora do Império

– Revolução dos liberais em Minas Gerais

Visconde de Mauá constrói os Estaleiros da Ponta da Areia, na América do Sul

1847 – Instituído o parlamentarismo no Brasil

1848 – Febre Amarela atinge o Rio de Janeiro, com até 200 mortos por dia



Estudo para diploma da ENBA
Rodolfo Amoedo, 1857 - 1941

1840 – Primeiro Salão Nacional de Belas Artes

– Louis Compté faz a primeira demonstração do daguerreótipo no Brasil e Dom Pedro II é o primeiro brasileiro nato a fazer fotografias

1843 – Criação da Pinacoteca da Academia, núcleo do futuro Museu Nacional de Belas Artes – RJ

1844 – "*A Moreninha*", de Joaquim Manuel de Macedo, é o primeiro best seller brasileiro

1846 – Publicação de "*Primeiros Cantos*", de Gonçalves Dias, primeiro grande autor romântico brasileiro

LINHA DO TEMPO - O SÉCULO XIX NO BRASIL E NO MUNDO

1850

1850 – Final do tráfico de escravos. Lei Eusébio de Queirós

1852 – O Visconde de Mauá organiza a Companhia de navegação a Vapor do Amazonas

1854 – O Visconde de Mauá inaugura a primeira ferrovia do Brasil, entre Petrópolis e o Rio de Janeiro

1855 – Extinção do Tráfico de Escravos



Retrato do Imperador D. Pedro e da Imperatriz Dona Teresa Cristina, 1850
Francos René Moreaux

1851 – Buvelot e Prat, retratistas, recebem o título de Photographo da Casa Imperial

1853 – Álvares de Azevedo escreve "*Lira dos Vinte Anos*", exemplo do ultra-romantismo

1854 – Manuel Antonio de Almeida publica "*Memórias de um Sargento de Milícias*"

1857 – José de Alencar publica o romance nativista "*O Guarani*"

1860

1862 – Navios ingleses atacam barcos brasileiros. Questão Christie

1864 – Início da Guerra contra o Paraguai, que dura até 1870.

1867 – Surto de Cólera



Colonos europeus colhendo café, em uma fazenda do interior de São Paulo, 1860

1860 – "*A Noite de São João*" é a primeira ópera brasileira composta por Elias Álvares Lobo

1861 – Lançamento de "*Brazil Pittoresco*", primeiro livro de fotografia do Brasil e da América Latina, de Victor Frond

1870

1870 a 1910 – O boom da borracha na Amazônia provoca migração para o Norte

1871 – Lei do Ventre Livre

1872 – Primeiro Censo Brasileiro: 9.930.478 habitantes

1873 – Cafeicultores do Oeste Paulista fundam o Partido Republicano paulista (PRP)

1874 – Início da Imigração italiana para o Brasil

1877 – Primeira estação telefônica do país
– Seca no Nordeste brasileiro



Caricatura de Arthur de Azevedo em forma de tinteiro
Rodolfo Bernardelli

1870 – Carlos Gomes estréia "*O Guarani*"
– Castro Alves lança "*Espumas Flutuantes*"

– Surge o "*choro*", gênero musical brasileiro

1872 – Alfredo Taunay publica o romance sertanejo "*Inocência*"

1874 – Chega ao Brasil o pintor Georg Grimm

1875 – Nasce o maxixe, dança que mistura elementos do lundu, do tango, da habanera cubana e da polca

1877 – Instalação dos primeiros telefones no Brasil: Rio de Janeiro, São Paulo e Bahia

1880

1884 – Extinta a escravidão no Ceará e no Amazonas

1885 – Lei dos Sexagenários
– Novo surto de cólera na Corte

1887 – Igreja manifesta-se oficialmente a favor da abolição da escravidão

1888 – Lei Áurea – abolição da escravatura
– Proclamação da República pelo Marechal Deodoro da Fonseca
– Banimento da Família Imperial

1888 a 1928 – Três milhões de imigrantes entram no Brasil



Auto-caricatura
Pedro Américo de Figueiredo e Melo, 1843 - 1905

1881 – Machado de Assis publica "*Memórias Póstumas de Brás Cubas*", prosa realista

1881 – Aluísio Azevedo publica "*O Mulato*", obra inicial do naturalismo no Brasil

1883 – Publicação póstuma da obra de Castro Alves "*Os escravos*" e Joaquim Nabuco "*O abolicionismo*"

1890

1890 – Censo conta 14.333.915 habitantes

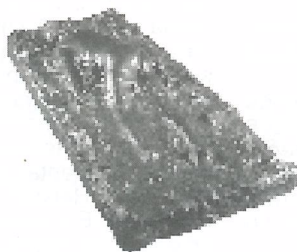
– Instala-se a Constituinte
– Surge o Partido Operário, primeira organização popular do Brasil

1891 – Promulgada a Constituição do Brasil, primeira do período Republicano
– D. Pedro de Alcântara morre em Paris

– Deodoro da Fonseca é eleito o primeiro presidente da República

1893 – Início da Revolta Federalista pela autonomia do Rio Grande do Sul
– Início da Guerra de Canudos, que dura até 1897

1893 a 1894 – Revolta da Armada no Rio de Janeiro, que exige a deposição de Floriano Peixoto



Moema, 1895
Rodolfo Bernardelli, 1852 -1931

1890 – Aluísio Azevedo escreve "*O Cortiço*", romance naturalista
– Nasce o frevo no Recife, Pernambuco

– Escola Nacional de Belas Artes – nova denominação da Academia Imperial de Belas Artes

– A Biblioteca passa de Imperial a Nacional

– Adquirida raríssima edição de "*Os Lusíadas*" pela Biblioteca Nacional

1893 – Cruz e Souza publica "*Broqueis*", que marca o início do simbolismo no Brasil

1896 – É fundada a Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro. Machado de Assis é presidente

– Primeira exibição de cinema no Rio de Janeiro

1898 – Afonso Segreto faz o primeiro filme brasileiro com cenas da baía de Guanabara

1894 – Brasil rompe relações com Portugal

1895 – Primeiro jogo de futebol no país acontece em São Paulo

1898 – Eleição de Campos Salles para presidente do Brasil

1899 – Início da desvalorização da moeda brasileira em favor da economia cafeeira

1900 – Censo: 17.318.556 habitantes



Carlos Gomes

1899 – "*Ô Abre Alas*" é a primeira música de carnaval de autor conhecido: Chiquinha Gonzaga

1900 – Machado de Assis publica "*Dom Casmurro*"

– Rituais do candomblé e da umbanda são oficialmente aceitos como parte da cultura brasileira

– A revista "*A Semana*" é a primeira publicação brasileira a estampar fotos em suas páginas

GLOSSÁRIO

COMPREENDENDO PALAVRAS, APREENDENDO CONCEITOS

ACADÊMICA, Pintura (DITA): Originalmente, toda pintura relacionada ou relacionável à doutrina e aos ensinamentos de uma academia de pintura, como por exemplo a Academia Imperial de Belas Artes ou a Escola Nacional de Belas Artes; nesse sentido, é acadêmica a pintura de Victor Meirelles e Pedro Americo, Zeferino da Costa e Almeida Júnior, entre tantos outros. Numa acepção mais recente, de conotação aliás pejorativa, é toda pintura que, opondo-se a qualquer tipo de renovação ou inovação, apegue-se a regras e fórmulas prefixadas, fechando-se aos novos estilos e técnicas para permanecer tradicionalista, conservadora e reacionária. Sob esse segundo ângulo pode ser considerada tipicamente acadêmica a pintura de artistas como Oswaldo Teixeira, Arlindo Castellane, Dario Mecatti e Manoel Constantino, por exemplo.

ACADÊMICO (DITO): A partir do século XVI, as academias se institucionalizaram na Europa como referências para o ensino e a prática de arte. No Brasil, a primeira foi a Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro, criada em 1820, seguindo os princípios neoclássicos da Missão Artística Francesa que chegou ao Brasil em 1816.

ACADEMISMO (DITO): Postura artística inicialmente orientada pelos princípios ecléticos oriundos do estudo da arte greco-romana clássica ensinados nas academias, surgiu na Europa no século XVI. O academismo foi um sistema fechado, autoritário e poderoso, que envolveu todo o circuito de arte. O neoclassicismo trazido ao Brasil pela Missão Artística Francesa serviu de base para a implantação do sistema das belas artes. Com ele foram criadas as normas e regras do ensino, hierarquizando gêneros e temas, impondo modelos europeus e dificultando ao máximo o contato com a realidade brasileira.

ACERVO: O conjunto das obras que pertencem à coleção de um museu, uma biblioteca ou uma instituição cultural.

APRECIACÃO: Ato ou efeito de apreciar: dar apreço, merecimento a, estimar, prezar, julgar, avaliar, ponderar, examinar, considerar, calcular.../ Conceito, julgamento, opinião/ Análise, exame/ Reconhecimento de uma idéia ou de um fenômeno.

ARTISTAS VIAJANTES: Desde o descobrimento, o Brasil sempre exerceu grande fascínio sobre o olhar do estrangeiro. Os relatos de viagens a terras longínquas e desconhecidas, habitadas por índios canibais e animais fantásticos, tendo como fundo a paisagem exuberante, enchiam a imaginação dos europeus com imagens completamente diferentes das do seu universo conhecido. Durante todo o século XIX, o Brasil recebe artistas estrangeiros, alguns deles integrantes das expedições científicas e artísticas que percorreram o território (Missão Artística Francesa, Missão Austríaca/Viagem de Spix e Martius, Expedição Langsdorff). Deslumbrados pelo cenário tropical, eles elaboram paisagens, marinhas e cenas de costume, sobretudo do Rio de Janeiro, documentando com detalhes aspectos pitorescos da vida brasileira.

ATELIÊ: Palavra de origem francesa designativa do estúdio ou da oficina de um artista. No século XIX, certas academias informais chamadas de ateliers libres tornaram-se centros de reunião de artistas de vanguarda. O estudo desenvolvia-se em torno de um modelo, mas havia pouca ou nenhuma supervisão ou instrução formal.

AUTO-RETRATO: Uma pintura na qual o artista ele próprio se representou, parcialmente ou de corpo inteiro, isoladamente ou em grupo. Entre os pintores brasileiros que mais produziram auto-retratos é lícito destacar Eliseu d'Angelo Visconti, José Pancetti e Emeric Marcier.

CLASSICISMO: O uso da palavra classicismo frequentemente implica uma inspiração direta da arte da Antiguidade, mas essa noção não está necessariamente ligada ao conceito: em certos contextos, a palavra pode ser usada para expressar apenas a idéia de clareza de expressão, ou de conservadorismo. Na tradição ocidental, o termo "clássico" em geral sugere uma certa descendência da arte da Grécia e de Roma, por mais indireta ou impura que seja. O termo "clássico" é usado também para referências aos melhores e mais representativos exemplos de um certo tipo, em qualquer período ou campo de atividade.

CURADOR: A pessoa que seleciona e articula as obras e informações presentes numa exposição, conceituando a própria mostra.

CURADORIA: Função normalmente exercida por especialistas na área de arte, que propõem, no processo de organização de uma exposição, as formas de articulação entre os elementos de uma mostra. Por exemplo, um tema ou conceito podem ser utilizados como eixos norteadores.

ISMO: Pignatari refere-se aqui à obsessão de querer enquadrar a produção de um artista dentro de determinado estilo para conseguir compreendê-lo, rotulando a obra sem realmente olhar para ela.

MEIO: Termo que integra as técnicas e materiais escolhidos pelo artista para criar sua obra. Técnicas: o desenho, a pintura e a fotografia. Materiais ou instrumentos: o lápis, a tinta, a máquina e o filme fotográfico. Suportes: o papel, a tela de linho e o papel fotossensível.

ÓLEO SOBRE TELA: Pintura feita com tinta à base de óleo sobre tecido de algodão. Todas as obras originais cujas reproduções constam dessa exposição, foram realizadas nessa técnica. A tinta a óleo permite a obtenção de qualquer variedade de textura, desde o empaste mais violento à superfície lisa da porcelana. A invenção do tubo de estanho no século XIX tornou a tinta adequada para pintura ao ar livre, introduzindo uma maior gama de cores brilhantes.

OLHAR: Contemplar, observar, examinar, estudar, sondar, pesquisar, atentar ou reparar em.

POÉTICA: Relativo à linguagem pessoal de cada artista.

RÉPLICA: É a repetição ou a duplicação de uma pintura feita pelo próprio autor. Difere por isso da mera cópia, que é a duplicação de original alheio. As réplicas, mesmo as mais fiéis, revelam menor liberdade de concepção e sinceridade de expressão que os originais que reproduzem. Há, todavia, réplicas que se afastam deliberadamente em certos detalhes dos originais: são as chamadas réplicas com variações, ou variantes. Exemplo de pintura da qual existem réplicas é o Descanso do Modelo, de Almeida Júnior.

RETRATO: Representação pictórica de um indivíduo ou mais (retrato individual, retrato coletivo ou de grupo). Quase sempre limita-se a enfatizar o ser humano no que tem de mais expressivo e particularizável - o rosto, observado de perfil, de face ou, combinadas uma e outra visões, voltado a três quartos; mas ocorrem também retratos de corpo inteiro, da cintura ou dos ombros para cima, equestres, etc. Quando reproduz a própria imagem do autor, chama-se auto-retrato; se é imaginário se busca recriar idealmente os traços fisionômicos de personagens dos quais somente restaram descrições literárias (por exemplo: um retrato imaginário do Aleijadinho). Gênero antiquíssimo - os retratos naturalistas das múmias de Fayum recuam ao primeiro século da Era Cristã -, na Idade Moderna continuou desempenhando sua função de resguardar a aparência das pessoas notáveis, de modo a lhes garantir a sobrevivência post-mortem; por isso os primeiros retratos representavam reis e príncipes, militares e conquistadores, líderes políticos e legisladores, chefes religiosos, etc., quase sempre em atitudes, envergando trajes ou ostentando símbolos e atributos capazes de lhes caracterizar nitidamente a elevada posição social. Quanto a retratos de mulheres e crianças só iriam ocorrer Séc. XIX, talvez porque na sociedade colonial brasileira, como observou Gilberto Freyre, "esposas e filhos se achavam quase ao mesmo nível dos escravos".

BIBLIOGRAFIA

COM QUEM DIALOGAMOS

- ABELARDO, Pedro. Correspondência de Abelardo e Heloísa. SP: Martins Fontes, 1989.
- ALMANAQUE ABRIL. SP: Editora Abril, 2001. Edição Mundo 2001/ Edição Brasil 2001 (acompanha CD Rom)
- BEDIAGA, Begonha. Diário do Imperador D. Pedro II. Petrópolis, Museu Imperial, 1999 (acompanha CD Rom)
- CALDEIRA, Jorge. Viagem pela História do Brasil. SP: Companhia das Letras, 1997 (acompanha CD Rom)
- CAMPOFIORITO, Quirino. História da Pintura Brasileira no século XIX. RJ: Pinakothke, 1983
- CENTRO CULTURAL ITAÚ. Gráfico Histórico das Artes Plásticas: séculos XIX e XX. SP: ICI, 1990
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. Dicionário de símbolos. RJ: José Olympio Editora, 1992
- CHILVERS, Ian. Dicionário Oxford de Arte. SP: Martins Fontes, 1996
- DEBRET, Jean Baptiste. Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil. Tomo II. SP: Editora da Universidade de São Paulo, 1978
- DICIONÁRIO AURÉLIO DA LÍNGUA PORTUGUESA.
- DINER, Pablo. A América de Rugendas: obras e documentos. SP: Estação Liberdade: Kosmos, 1999
- FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Viagem em Imagens – álbum comemorativo.
- FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO. Brasil 500 Anos – Mostra do Redescobrimento. Catálogo do Módulo Arte do Século XIX, 2000
- FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO - Núcleo Educação. Material de Apoio Educativo para o trabalho do professor com arte - XXIV Bienal de São Paulo: 1998
- GOMBRICH, E.H. A história da arte. Tradução de Álvaro Cabral. RJ: LTC Editora, 1993
- GONZAGA-DUQUE. Coleção ensaios e documentos. A arte brasileira. Campinas, SP: Editora Mercado das Letras, 1995
- INSTITUTO CULTURAL ITAÚ. Caderno de História da Pintura no Brasil. Marcos históricos: Academismo. SP: ICI, 1993
- LIMA, Jorge da Cunha (apres.). Dezenovevinte: uma virada no século/ Apresentação Jorge da Cunha Lima. SP: Pinacoteca do Estado, 1986
- MAGALDI, Sábato. Panorama do teatro brasileiro. SP: Global Editora, 1999
- MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org). Vida cotidiana em São Paulo no século XIX: memórias, depoimentos, evocações. SP: Fundação Editora Unesp/Ateliê Editorial, 1999
- MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE DO SUL. Catálogo da Exposição De Franz Post a Eliseu Visconti. Porto Alegre, 2000
- NICOLA, José de. Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias. SP: Scipione, 1998
- NOVAIS, Fernando A. História da Vida Privada no Brasil: Império/ Coordenador geral da coleção Fernando A. Novais/ Organização do volume Luiz Felipe de Alencastro. SP: Companhia das Letras, 1997
- PINACOTECA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Benedito Calixto: memória paulista. SP: Projeto/Banespa/Pinacoteca do estado, 1990
- PINACOTECA DO ESTADO DE SÃO PAULO. O desejo na Academia: 1847-1916. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 1991.
- PINACOTECA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Almeida Júnior – um artista revisitado. Textos de Aracy Amaral e Cecília F. Lourenço
- ROSA, Angelo de Proença e outros. Victor Meirelles de Lima. RJ: Pinakothke, 1982
- SCHWARCZ, Lílían Moritz. As barbas do imperador: Dom Pedro II, um monarca nos trópicos. SP: Companhia das Letras, 1998
- SESC. Programa Ação Educativa Brasil 500 – Mostra do redescobrimento. SP: Editora do SESC, 2000. Títulos: Mapa do tempo e do espaço, Mapas para viajantes aprendizes de arte
- SOUZA, Gilda de Mello e. O espírito das roupas: a moda no século dezenove. SP: Companhia das Letras, 1987
- ZANINI, Walter. História Geral da Arte no Brasil: do século XVI ao início do século XIX: Maneirismo, Barroco e Rococó. Vol. I. SP: Caminho Editorial, 1983

O QUE VIMOS E OUVIMOS

Site

www.itaucultural.org.br
www.museuimperial.gov.br
www.videobook.com.br
www.museuvillalobos.org.br
www.uol.com.br/pinasp
www.ufba.br/~pineb/linksindiosb.html - link para dicionários indígenas, história dos índios, etc

Vídeo

INSTITUTO CULTURAL ITAÚ. Série Aspectos da Cultura Brasileira. Tomo I: O retrato de um século/Os caminhos da Abstração/Viajando pelo Modernismo/Viaduto do Chá/Poesia de cada dia/BR/80 – Pintura Brasil década de 80

CD-ROM

ALMANAQUE ABRIL. SP: Editora Abril, 2001. Edição Mundo 2001/ Edição Brasil 2001

BEDIAGA, Begonha. Diário do Imperador D. Pedro II. Petrópolis, Museu Imperial, 1999

CALDEIRA, Jorge. Viagem pela História do Brasil. SP: Companhia das Letras, 1997

LEITE, José Roberto Teixeira. 500 Anos da Pintura Brasileira. LOG ON Comunicação Interativa, 1999

CD

TALITHA PERES – piano. Chiquinha Gonzaga. Série Clássicos e Inéditos. Rioarte digital

COM QUEM MAIS VOCÊ PODE DIALOGAR

BARBOSA, Ana Mãe T. B. (Org.). Arte-educação: leitura no subsolo. SP: Cortez, 1997

_____. A imagem no ensino da arte. SP: Perspectiva, 1994

CAVALCANTI, Ana Maria Tavares. Como estudar a arte brasileira do século XIX?. In O Brasil Redescoberto. RJ: Paço Imperial, MinC IPHAN, 1999

AZEVEDO, Cecília Maria Marinho. Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites – século RJ. Paz e Terra, 1987

COLI, Jorge. Primeira missa e invenção da descoberta. In A descoberta do homem e do mundo/ organizador Adauro Novaes. SP: Companhia das Letras, 1998

COSTELLA, Antonio F. Para apreciar a arte: roteiro didático. SP: Editora SENAC, 1997

DENIS, Rafael Cardoso. A Academia Imperial de Belas Artes e o Ensino Técnico. In: 180 anos de Escola de Belas Artes, anais do Seminário EBA 180. RJ: UFRJ, 1997.

LEITE, José Roberto Teixeira. Dicionário Crítico da pintura no Brasil. RJ: Artlivre, 1998

KOSSOY, Boris & CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Olhar europeu: o negro na iconografia brasileira do século XIX. SP: Edusp, 1994

MARTINS, Miriam Celeste Ferreira Dias. Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte/ Miriam Celeste Martins, Gisa Picosque, M.Terezinha Telles Guerra. SP: FTD, 1998

MORAIS, Frederico. Arte é o que eu e você chamamos arte: 801 definições sobre arte e o sistema de arte. RJ: Record, 1998

_____. Crônicas de amor à arte. RJ: Revan, 1995

NAVES, R. - A forma difícil - ensaios sobre a arte brasileira. SP: Ática, 1996

NOVAIS, F. A. & MOTA, C. G. A Independência política do Brasil. SP: Hucitec, 1996, 2ª ed.

PARSONS, Michael J. Compreender a arte: uma abordagem à experiência estética do ponto de vista cognitivo. Lisboa: Presença, 1992

PRADO, J. F. DE ALMEIDA. Jean Baptiste Debret: com reprodução de 40 paisagens do artista, do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina. SP: Companhia Editora Nacional Editora Universidade São Paulo, 1973

REIS, João José. A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta
36

popular no Brasil do século XIX. SP: Cia das Letras, 1991

SAN'T ANNA, Renata. De dois em dois: um passeio pelas Bienais/ Renata San't Anna, Maria do Carmo Escorel de Carvalho, Edgard Bittencourt. SP: Martins Fontes, 1996

SCHWARCZ, Lilian Moritz. Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. SP: Cia das Letras, 1987

VENTURA, Roberto. Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil. 1870 – 1914. SP: Cia das Letras, 1991

ZILIO, Carlos. Formação do artista plástico no Brasil: o caso da Escola de Belas Artes. In: Arte e Ensaios, revista do Mestrado em História da Arte, EBA-UFRJ. 1994.

PARA CRIANÇAS

Coleção As origens do saber. SP: Melhoramentos, 1994. Títulos: A criação da pintura, A música dos instrumentos e O trabalho dos escultores

Coleção Mestres das Artes no Brasil. SP: Moderna, 1999. Títulos: Debret, Aleijadinho e Almeida Júnior

Coleção Minhas Primeiras descobertas da arte. SP: Melhoramentos, 1996. Títulos: Os quadros, Os animais, Os retratos, As paisagens

FICHA TÉCNICA

Realização

IHL – Instituto Hebert Levy

Coordenador do Projeto

José Carlos Barboza de Oliveira

Projeto e Execução

IBBNET – Instituto de Tecnologia Brasil – Brazilian Network

Coordenação Geral

Coordenadoras

Denise Martins Correa

Lílian Martins Heitor

Assistente de Coordenação

Beatriz Messa

Curadoria

Curadora

Adriana de Almeida Machado

Assistente de Curadoria

Silvana Di Blásio

Textos de Apresentação Geral

Oséas Singh Júnior

Módulo Almeida Júnior

Oséas Singh Júnior

Cenografia

Arquitetos – Projeto Cenográfico

Lílian Martins Heitor

Denise Martins Correa

Arquitetos – Execução da Montagem

Lílian Martins Heitor

Luciana Pelaes Mascaro..

Programação Visual

Designer Gráfico

Ana Cláudia Martins de Figueiredo

Sistemas Eletrônicos

Analista de Sistemas

Márcia Maria de Oliveira Valença

Montagem e Operação Técnica

Cid Pereira

Mídia Interativa

Website e Tótems Eletrônicos

Ana Cristina dos Santos Mendonça

Ana Cláudia Martins de Figueiredo

Ação Educativa

Coordenação

Adriana de Almeida Machado

Projeto Educação Itinerante

Silvana Di Blásio

Material Educativo - Concepção e Organização

Adriana de Almeida Machado

Silvana Di Blásio

Agradecimentos Especiais

Equipe do Museu Nacional de Belas Artes (RJ) na figura de sua Diretora:

Heloísa Aleixo Lustosa

Equipe da Pinacoteca do Estado de São Paulo (SP) na figura de seu Diretor:

Emanuel Araújo

Prof. Dr. Jorge Coli (Módulo Almeida Júnior)

Prof. Dr. José Roberto Teixeira Leite (História da Arte Brasileira)

Profa. Selma Regina Pato Vila Granado (História do Brasil)

Ana Paula Batista Junqueira (Consultoria em Arquitetura do século XIX)

Érica Taccini Gonçalves (Educação Especial)

UNIDADE	80
Nº CHAMADA	
TUNICAMP	
M18.C	
V	EX
TOMBO BC/	555110
PROC.	16.124/03
C	☐
D	☒
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	02/09/03
Nº CPD	CM001872822



"As cerimônias da religião católica, introduzidas no Brasil pelos missionários portugueses, conservaram seu caráter bárbaro, isto é, o exagero de que fora preciso revesti-las para impressionar os índios, apresentando-lhes imagens esculpidas e coloridas de gigantescas proporções. Esses missionários sentiram, com razão, que o aspecto dessas figuras humanas, seres intermediários entre o homem e a divindade, faria nascer na imaginação dos selvagens a idéia da grandeza e da força extraordinária do novo deus imposto"

Debret

E assim seguimos nosso caminho por este mar, de longo*, até terça-feira d'oitavas de Páscoa*, que foram 21 dias d'Abril, que topamos* alguns sinais de terra. (...) E à quarta-feira seguinte, pela manhã, topamos aves, a que chamam fura-buxos*.

E neste dia, a horas de véspera*, havemos vista de terra, isto é, primeiramente d'um grande monte, mui alto e redondo, e d'outras serras mais baixas a sul dele e de terra chã* com grandes arvoredos, ao qual monte alto o capitão pôs o nome o Monte Pascoal e à terra a Terra de Vera Cruz. (...)

E dali havemos vista d'homens, que andavam pela praia, de 7 ou 8, segundo os navios pequenos disseram, por chegarem primeiro. (...) A feição deles é serem pardos, maneira d'avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem nenhuma cobertura, nem estimam* nenhuma coisa cobrir nem mostrar suas vergonhas*. E estão acerca disso com tanta inocência como têm em mostrar o rosto. (...)

Ali andavam entre três ou quatro moças, bem moças e bem gentis, com cabelos muito pretos, compridos, pelas espáduas; e suas vergonhas tão altas e tão çarradinhas* e tão limpas das cabeleiras que de as nós muito bem olharmos não tínhamos nenhuma vergonha. (...)

E uma daquelas moças era toda tinta*, de fundo a cima, daquela tintura*, a qual, certo, era tão bem feita e tão redonda e sua vergonha*, que ela não tinha, tão graciosa, que a muitas mulheres de nossa terra, vendo-lhe tais feições, fizera vergonha, por não terem a sua como ela. (...)

Nela até agora não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem nenhuma coisa de metal, nem de ferro; nem lho vimos. A terra, porém, em si, é de muito bons ares. (...)

Mas o melhor fruto que nela se pode fazer me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar. E que aí não houvesse mais que ter aqui esta pousada para esta navegação de Calecute, bastaria, quanto mais disposição para se nela cumprir e fazer o que Vossa Alteza tanto deseja, a saber, acrescentamento de nossa santa fé.

Fragmentos da "Carta a El-Rei Dom Manuel sobre o achamento do Brasil"

Glossário:

de longo: para adiante, no sentido de seguir em frente.

oitavas de Páscoa: a semana que vai desde o domingo de Páscoa até o domingo seguinte, conhecido como Pascoela.

topamos: encontramos.

fura-buxos: tipo de ave marinha comum no litoral tropical.

horas de véspera: fim de tarde, próximo das 18 horas (véspera = vespertino, vespéral)

terra chã: terreno plano e de pouca altitude; planície.

nem estimam: nem se importam; nem se preocupam.

vergonhas: no plural, os órgãos sexuais.

çarradinhas: os estudiosos divergem sobre o significado dessa palavra (no original de Caminha, grafada **çaradinhas**: uns a traduzem por *saradinhas*, ou seja, sem doença (esta é a leitura que o modernista Oswald de Andrade faz); outros, como Jaime Cortesão, por *cerradinhas*, ou seja, densas.

tinta: tingida

tintura: Caminha parece ter ficado impressionado com o fato de os índios pintarem seus corpos; em outras passagens, refere-se à tinta vermelha (provavelmente, uma tintura extraída do urucum) utilizada pelos nativos: "...trazia seu arco e setas, e andava tinto de tinta vermelha pelos peitos, espáduas, quadris, coxas e pernas até baixo, mas os vazios com a barriga e estômago eram de sua própria cor. E a tintura era assim que a água aí não comia nem desfazia, antes, quando saía da água, parecia mais vermelha".

vergonha: no singular é vergonha mesmo.



TAMOIO: INDIVÍDUO DOS TAMOIOS, TRIBO INDÍGENA TUPI QUE HABITAVA O TERRITÓRIO DO ATUAL RIO DE JANEIRO E SE ALIOU AOS FRANCESES NA LUTA CONTRA OS PORTUGUESES.

"Crê ainda hoje muita parte dos portugueses que o índio só tem figura humana, sem ser capaz de perfectibilidade. Eu sei que é difícil adquirir a sua confiança e amor; porque, como já disse, eles nos odeiam, nos temem e, podendo, nos matam e devoram. E havemos desculpá-los; porque com o pretexto de os fazermos cristãos, lhes temos feito e fazemos muitas injustiças e crueldades. Faz horror refletir na rápida despovoação destes miseráveis depois que chegamos ao Brasil; basta notar, como refere o padre Vieira; que em 1615, em que se conquistou o Maranhão, havia desde a Cidade até o Gurupá mais de quinhentas aldeias de índios, todas numerosas, e algumas delas tanto, que deitavam 4 a 5 mil arcos; mas quando o dito Vieira chegou, em 1652, ao Maranhão, já tudo estava consumido e reduzido a muito poucas aldeotas, de todas as quais não pôde André Vidal de Negreiros juntar oitocentos índios de armas. Calcula o padre Vieira que em trinta anos, pelas guerras, cativos e moléstias que lhes trouxeram os portugueses, foram mortos mais de 2 milhões de índios.

"Segundo nossas leis, os índios deviam gozar dos privilégios da raça européia; mas este benefício tem sido ilusório, porque a pobreza em que se acham, a ignorância por falta de educação, e estímulos, e as vexações contínuas dos brancos os tornam tão abjetos e desprezíveis como os negros."

Trecho do documento "Apontamentos para a civilização dos índios", de José Bonifácio de Andrada e Silva, escrito em 1823.



IRACEMA: LÁBIOS DE MEL (IRA, TEMBÉ, IRATEMBÉ)

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu **Iracema**.*

Iracema, a virgem do lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do **Ipu***, onde campeava sua guerreira tribo, da grande Nação **Tabajara***. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

Um dia, ao pino do sol, ela repousava em um claro da floresta.

Banhava-lhe o corpo a sombra da **oiticica***, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acácia silvestre **esparziam*** flores sobre os úmidos cabelos. Escondidos na folhagem, os pássaros ameigavam o canto.

Iracema saiu do banho; o **aljôfar*** d'água ainda a **roreja***, como à doce **mangaba*** que corou em manhã de chuva.

Enquanto repousa, empluma das penas do **gará*** a flechas de seu arco; e concerta com o sabiá da mata, pousado no galho próximo, o canto agreste.

A graciosa **ará***, sua companheira e amiga, brinca junto dela.

Às vezes sobe aos ramos da árvore e de lá chama a virgem pelo nome; outras, remexe o **uru*** de palha matizada, onde traz a selvagem seus perfumes, os alvos fios de **crautá***, as agulhas da **juçara*** com que tece a renda, e as tintas de que matiza o algodão.

Rumor suspeito quebra a doce harmonia da **sesta***. Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra; sua vista perturba-se. Diante dela e todo a contemplá-la, está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar, nos olhos o azul triste das águas profundas. **Ignotas*** armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo.

Foi rápido, como olhar, o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido.

De primeiro ímpeto, a mão **lesta*** caiu sobre a cruz da espada; mas logo sorriu. O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor. Sofreu mais d'alma que da ferida.

O sentimento que lê pôs nos olhos e no rosto, não o sei eu.

Porém a virgem lançou de si o arco e a **uiraçaba***, e correu para o guerreiro, sentida da mágoa que causara. A mão que rápida ferira, estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava. Depois Iracema quebrou a **flecha*** homicida; deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada.

O guerreiro falou: - Quebras comigo a flecha da paz?

- Quem te ensinou, guerreiro branco, a linguagem de meus irmãos?

Donde vieste a estas matas, que nunca viram outro guerreiro como tu?

- Venho de bem longe, filha das florestas. Venho das terras que teus irmãos já possuíram, e hoje têm os meus.

- Bem-vindo seja o estrangeiro aos campos dos tabajaras, senhores das aldeias, e á cabana de Araquém, pai de Iracema.

(Trechos de "Iracema lenda do Ceará", de José de Alencar)

Índia

Teus cabelos nos ombros caídos

Negros como as noites que não têm luar

Teus lábios de rosa para mim sorrindo

E a doce meiguice desse teu olhar

Índia da pele morena

Tua boca pequena

Eu quero beijar

Trecho de "Índia" de José Fortuna

Glossário

Iracema: em guarani significa "lábios de mel" de *ira*, "mel", e *tembe*, "lábios". *Tembe* na composição altera-se em *ceme*.

Iracema: é também anagrama da palavra

América (notar que Iracema é a personificação do Novo Mundo americano; Martim, o guerreiro branco, é a personificação do conquistador europeu).

jati: pequena abelha que fabrica delicioso mel.

Ipu: assim chamam ainda hoje no Ceará a certa qualidade de terra muito fértil, que forma grandes coroas ou ilhas no meio dos tabuleiros e sertões, e é de preferência procurada para a cultura.

Tabajara: senhor das aldeias; de *taba*, "aldeia", e *jara*, "senhor".

oiticica: árvore frondosa, apreciada pela deliciosa frescura que derrama sua sombra.

esparziam: espalhavam, derramavam, difundiam.

aljôfar: orvalho da manhã; gotas de água; pérola miúda.

roreja: molha com pequenas gotas.

mangaba: o fruto da mangabeira.

gará: ave aquática, de penas avermelhadas, mais conhecida pelo nome de guará.

ará: periquito; os indígenas, como aumentativo, usavam repetir a última sílaba da palavra e às vezes toda a palavra, como *murémuré*. *Muré*, "fruta", *murémuré*, "fruta grande". Arara vinha a ser pois, o aumentativo de *ará*, e significaria a espécie maior do gênero.

uru: cestinho que servia de cofre às selvagens para guardar seus objetos de mais preço e valor.

crautá: bromélia vulgar de que se tiram fibras tão ou mais finas que as de linha.

juçara: palmeira de grandes espinhos, dos quais se servem ainda hoje para dividir os fios da renda.

sesta: hora em que se descansa ou dorme após o almoço.

ignotas: desconhecidas, ignoradas.

lesta: rápida, ligeira, ágil.

uiraçaba: o mesmo que *aljava*; pequeno estojo para guardar as flechas.

quebrar a flecha: era entre os indígenas a maneira simbólica de estabelecerem a paz entre as diversas tribos, ou mesmo entre dois guerreiros inimigos. Desde já advertimos que não se estranhe a maneira por que o estrangeiro se exprime falando com os selvagens; ao seu perfeito conhecimento dos usos e língua dos indígenas, e sobretudo a ter-se conformado com eles a ponto de deixar os trajes europeus e pintar-se, deveu Martins Soares Moreno a influência que adquiriu entre os índios do Ceará.

Nota: Os verbetes sublinhados são do próprio José de Alencar, nas *Notas* ao romance *Iracema*.



VISTA: PANORAMA, PAISAGEM, QUADRO OU FOTOGRAFIA DE UMA PAISAGEM.

"A terra é mui graciosa,
Tão fértil eu nunca vi.
A gente vai passear,
No chão espeta um caniço,
No dia seguinte nasce
Bengala de castão de ouro.
Tem goiabas, melancias,
Bananas que nem chuchu.
Quanto aos bichos, tem-nos muitos,
De plumagens mui vistosas."

Trechos de "A carta de Pero Vaz", de Murilo Mendes

Acaso são esses
Os sítios formosos
Aonde passavas
Os anos gostosos?
São esses os prados
Donde brincava
Enquanto pastava
O gordo rebanho
Que Orfeu me deixou?

(Domínio público)



**MUSA: CADA UMA DAS NOVE DEUSAS QUE PRESIDIAM AS ARTES LIBERAIS.
DIVINDADE INSPIRADORA DA POESIA. TUDO QUANTO PODE INSPIRAR UM POETA.**

"A tentativa de moralizar a nudez, estetizando-a, leva à concepção do nu artístico. Esse nu resultaria de um tipo especial de olhar: o olhar assexuado do artista que, ao contrário do olhar comum, vê qualquer objeto, mesmo um corpo nu de homem ou mulher apenas enquanto referencial ou modelo para a obra de arte. Esse olhar supostamente sem malícia, angelizado apesar de tantos romances entre artistas e seus modelos é aquele que o artista lança, ou deveria lançar, sobre o corpo de quem posa para o nu artístico. O mesmo tipo de olhar que se espera daquele que contempla o nu pintado ou esculpido: olhar destituído de conotação erótica, mobilizado tão-somente pela "sensibilidade estética". Sincera ou hipócrita, não importa, o fato é que essa pretensa deserotização do olhar é um pressuposto da distinção entre olhar artístico e olhar vulgar, expressando-se nos diversos quadros que focalizam cenas de ateliê e a relação pintor/modelo. (...) A nudez da modelo está reservada apenas para o olhar do artista, não devendo ser exposta a outros olhares; quando essa nudez ressurgir na tela, estará nimbada de pureza, será um nu artístico, não um nu qualquer. (...) O confronto entre dois códigos morais, expressos na distinção cara à arte do século XIX entre o olhar banal, malicioso, carregado de erotismo, e o olhar sublimado do que faz ou contempla a obra de arte."

"Despir os Nus", de José Américo Motta Peçanha

"Meu corpo está solto, meus membros estão
Leves e livres, todas as posturas prescritas
Lhes serão agradáveis."

"Corpo Solto", de Bertolt Brecht

"A luz bate na pele das coisas gerando essa membrana película chamada cor. Às vezes elas parecem vir de dentro das coisas: As cores dos lápis de cores. Linguagem. Para que haja vermelho é preciso muito branco. As cores se transformam quando se encostam. Laranja, rosa, cor-de-laranja, cor-de-rosa. Amanhecer. As cores costumam arder antes de esmaecer. Quando esfriam, o espaço entre elas e as coisas diminui. E borram quando transbordam. Os verdes maduram cedo. As luzes apagam preto. As cores começam azuis dentro dos casulos brancos. Flores para elas."

"O corpo existe e pode ser pego. É suficientemente opaco para que se possa vê-lo. Se ficar olhando anos você pode ver crescer o cabelo. O corpo existe porque foi feito. Por isso tem um buraco no meio. O corpo existe, dado que exala cheiro. E em cada extremidade existe um dedo. O corpo pode se cortado espirrar um líquido vermelho. O corpo tem alguém como recheio."

"Coisas", de Arnaldo Antunes

"Sobrepujada em sua unidade, a relação *corpo-alma* se estabeleceu, no mundo cristão, sobre concepções de pudor e o pecado atingindo e desfigurando as formas da mulher. Tais concepções foram incutidas nas sociedades colonizadas como forma de constrangimento e subjugação, dicotomizando forças estruturais, da natureza e da Cultura, em si mesmas já tão ambíguas. O pudor e o pecado não deixam de ser eixos fundantes da estética ocidental"

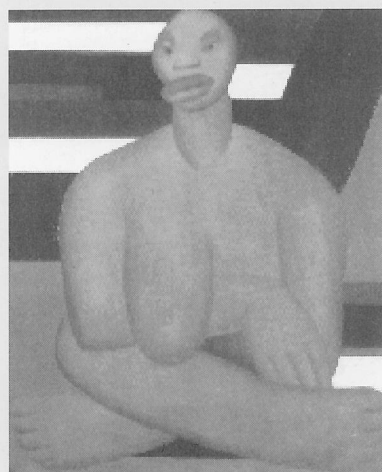
"Corpo e Alma", de Marta Heloísa Leuba Salum (Lisy Salum)



"(...) Nunca um homem se pareceu tanto com a terra em que nasceu. Nunca um artista soube tanto amor transportar para a obra de arte o seu temperamento e o de sua gente".

(Olavo Bilac, 1895)

Ler ou escrever sobre as artes pode ser muito bom. Mas nada melhor para entender uma obra do que outra obra. Almeida Júnior é o mais "icônico" dos artistas brasileiros: produziu imagens de uma clareza definitiva, que entraram para nossa memória. Talvez só Tarsila, com "Abaporu", com "A Negra", tenha conseguido chegar perto de "Picando Fumo", do "Violeiro", da "Amolação", como marcos visuais assim tão evidentes.



Essa força própria a Almeida Júnior é originada não apenas pelos assuntos "brasileiros", mas por um sentido da composição que, entre nós, poucos artistas até hoje tiveram. Ele não é o pintor de equilíbrios soltos ou precários. Ama as estruturas, as ortogonais, os quadrados, os retângulos, as oblíquas bem visíveis, afirmados por batentes, por horizontes, por tábuas de assoalhos. Na imprecisão do meio natural, isto é, nas paisagens, traça caminhos sinuosos e nítidos, distribui, com grande sentido estratégico, objetos que oferecem segurança ao olhar. Dentro das tramas geométricas, das composições calculadas, os personagens encontram a escala justa e se impõem, presentes para sempre, eternizando o gesto captado, a postura do corpo.

Jorge Coli

Publicado no caderno "Mais!" da Folha de S. Paulo, em abril de 2000.

"Ao surgir um novo dia, tanto nas aglomerações urbanas quanto no sítio, nos quintalões e na roça, o passaredo oferece a sua maviosa alvorada. Nas aldeias, vilas e cidades é ainda a clarinada festiva dos galos, porque em cada quintal há pelo menos um. Nas vilas e no campo, seja ou não um dia de trabalho, pula-se do leito com a alvorada e os primeiros raios do sol filtrados pelas portas e janelas com juntas imperfeitas e velhas rachaduras. Nas vilas e na cidade as mulheres vão à missa enclausuradas em suas mantilhas e, no lusco-fusco esgueirando-se. Nos sítios, chácaras e até em plena rua sucede a faina da ordenha das vaquinhas, dar milho aos porcos, galinhas, e os trabalhadores, servos ou livres, encaminham-se à roça."

(trecho extraído do livro Vida cotidiana em São Paulo no século XIX, organizado por Carlos E.M. Moura ver bibliografia deste material)



"- Que é que você tem?

- Eu? Nada.

- Nada, não; você tem alguma coisa.

Quis insistir que nada mas não achei língua.

Todo eu era olhos e coração, um coração que

desta vez ia sair, com certeza, pela boca fora.

Não podia tirar os olhos daquela criatura de

quatorze anos, alta, forte e cheia, apertada

em um vestido de chita, meio desbotado.

Os cabelos grossos, feitos em duas tranças,

com as pontas atadas uma à outra, à moda do

tempo, desciam-lhe pelas costas. Morena,

olhos claros e grandes, nariz reto e comprido,

tinha a boca fina e o queixo largo. As mãos,

a despeito de alguns ofícios rudes, eram curados

com amor; não cheiravam a sabões finos nem

águas de toucador, mas com água do poço e

sabão comum trazia-as sem mácula. Calçava

sapatos de duraque, rasos e velhos, a que ela

mesma dera alguns pontos."

"DOM CASMURRO" MACHADO DE ASSIS

"Também dos corações onde abotoam,

Os sonhos, um por um, céleres voam,

Como voam as pombas dos pombais;

No azul da adolescência as asas soltam,

Fogem... Mas aos pombais as pombas voltam,

E eles aos corações não voltam mais..."

Trecho de "As pombas" de Raimundo Correia

Eu não tinha este rosto de hoje,
Assim calmo, assim triste, assim magro
Nem estes olhos tão vazios,
Nem o lábio amargo.

..
Eu não tinha estas mãos sem força,
Tão paradas e frias e mortas;
Eu não tinha este coração
Que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,
Tão simples, tão certa, tão fácil:
-Em que espelho ficou perdida
a minha face?

"Retrato", de Cecília Meireles



MATERNIDADE: É UM TERMO MUITO UTILIZADO EM ARTE PARA REFERIR-SE A TEMAS RELATIVOS À QUALIDADE OU CONDIÇÃO DE MÃE.

Expor minha filhinha ao sol ardente
Mamãe diz que é um perigo:
Quero sentar-me ao delicioso abrigo
Deste arbusto virente.

A sombrinha de seda cor-de-rosa
Torna a luz tão suave!...
No arvoredo palpita um ninho de ave
Sob a fronde cheirosa.

Meio-dia. Um barulho de água viva
Cortando o fresco atalho
Do bosque, em fino leito de cascalho,
Marusco deriva.

Minha filhinha, a todo encanto alheia,
Descansa em meus joelhos;
E nos seus lábios doces e vermelhos,
Leve sorriso ondeia.

Pesa-lhe o sono; já entreabre a custo
Os olhos sonolentos,
E adormecê-la assim exposta aos ventos,
Causa-me grande susto.

Tão melindrosa e frágil! Pobre anjinho!
Traz-me em perpétuo anseio...
Quem me dera escondê-la no meu seio
Em faixas de carinho!...

E conservá-la assim meu sonho eterno
No íntimo do peito,
E de amor construir-lhe o nívoo leito
No coração materno!...

"Cuidados maternos", de Zalina Rolim



Menina com boneca



MATERNIDADE: É UM TERMO MUITO UTILIZADO EM ARTE PARA REFERIR-SE A TEMAS RELATIVOS À QUALIDADE OU CONDIÇÃO DE MÃE.

Por que Deus permite
que as mães vão-se embora?
Mãe não tem limite,
é tempo sem hora,
luz que não apaga
quando sopra o vento
e chuva desaba,
veludo escondido
na pele enrugada,
água pura, ar puro,
puro pensamento.
Morrer acontece
com o que é breve e passa
sem deixar vestígio.
Mãe, na sua graça,
é eternidade.
Por que Deus se lembra
-mistério profundo-
de tirá-la um dia?
Fosse eu Rei do Mundo
baixava uma lei:
Mãe não morre nunca,
Mãe ficará sempre
junto de seu filho
e ele, velho embora,
será pequenino
feito grão de milho.

"Para sempre", de Carlos Drummond de Andrade



**CARIDADE: BENEVOLÊNCIA, COMPLACÊNCIA,
COMPAIXÃO, BENEFICÊNCIA, BENEFÍCIO, ESMOLA.**

" A Santa Casa de Misericórdia deve sua existência a um brasileiro falecido no Rio de Janeiro, mais ou menos em 1730. (...) O exemplo do primeiro fundador inspirou então um segundo impulso caridoso que bastou para prover a todas as necessidades. Um casal, num movimento de generosidade simpática, consagrou a totalidade de uma fortuna colossal à fundação de uma irmandade da Misericórdia, que existe ainda hoje nas bases da antiga organização."

Debret

O ABRIGO NOTURNO

Soube que em Nova Iorque
Na esquina da Rua 26 com a Broadway
Todos as noites do inverno há um homem
Que arranja abrigo noturno para os que ali não têm teto
Fazendo pedidos aos passantes.

O mundo não vai mudar com isso
As relações entre os homens não vão melhorar
A era da exploração não vai durar menos
Mas alguns homens têm um abrigo noturno
Por uma noite o vento é mantido longe deles
A neve que cairia sobre eles cai na calçada.
Não ponha de lado o livro, você que me lê.

Alguns homens têm um abrigo noturno
Por uma noite o vento é mantido longe deles
A neve que cairia sobre eles cai na calçada
Mas o mundo não vai mudar com isso
As relações entre os homens não vão melhorar
A era da exploração não vai durar menos.

Bertolt Brecht



**VOTO: PROMESSA SOLENE COM QUE NOS OBRIGAMOS PARA COM DEUS.
PROMESSA SOLENE, JURAMENTO. OFERENDA EM PAGA DE PROMESSA.
SÚPLICA À DIVINDADE. DESEJO ÍNTIMO, ARDENTE.**

"Havia então em Paris uma moça chamada Heloísa, sobrinha de um certo cônego Fulbert. Este, que a amava com ternura, nada havia poupado para lhe dar uma educação refinada. Ela era bastante bonita e a extensão de sua cultura tornava-a uma mulher excepcional. Os conhecimentos literários são tão raros entre as pessoas de seu sexo que ela exercia uma atração irresistível, e sua fama já corria pelo reino." Abelardo

"Meu bem amado, o acaso fez-me passar entre as mãos a carta de consolo que escreveste a um amigo. Lancei-me sobre ela e devorei-a com todo o ardor de minha ternura: já que havia perdido a presença corporal daquele que a havia escrito, ao menos as palavras reanimariam um pouco para mim a sua imagem. Lembro-me: essa carta, quase a cada linha, encheu-me de fel e de absinto, rememorando-me a história lamentável de nossa conversão e das cruzes pelas quais tu, meu único amor, ainda não deixaste de ser atormentado. Duvido que alguém possa ler ou ouvir sem lágrimas uma tal história." Heloísa

*"Quando olhaste bem nos olhos meus
E o teu olhar era de adeus
Juro que não acreditei
Eu te estranhei
Me debrucei sobre o teu corpo e duvidei"*

Trechos de "Atrás da porta", de Chico Buarque e Francis Hime

Olho é uma espécie de globo,
É um pequeno planeta
Com pinturas do lado de fora.
Muitas pinturas:
Azuis, verdes, amarelas.
É um globo brilhante:
Parece de cristal,
É como um aquário com plantas
Finamente desenhadas: algas, sargaços,
Miniaturas marinhas, areias, rochas, naufrágios e peixes de ouro.

Mas por dentro há outras pinturas,
Que não se vêem:
Umas são imagens do mundo,
Outras são inventadas.

O Olho é um teatro por dentro.

E às vezes, sejam atores, sejam cenas,
E às vezes, sejam imagens, sejam ausências,
Formam, no olho, lágrimas.

"Mapa de Anatomia: O Olho", de Cecília Meireles



P. Amerigo di
Figliuolo
1885

NOITE: PARA OS GREGOS, A NOITE (NYX) ERA A FILHA DO CAOS E A MÃE DO CÉU (URANO) E DA TERRA (GAIA). A NOITE PERCORRE O CÉU ENVOLTA NUM VÉU SOMBRIO, SOBRE UM CARRO ATRELADO COM QUATRO CAVALOS PRETOS, SEGUIDA DO CORTEJO DE SUAS FILHAS, AS FÚRIAS, AS PARCAS. A NOITE SIMBOLIZA O TEMPO DAS GESTAÇÕES, DAS GERMINAÇÕES, DAS CONSPIRAÇÕES, QUE VÃO DESABROCHAR EM PLENO DIA COMO MANIFESTAÇÃO DE VIDA.

GÊNIO: SOB DIVERSOS NOMES, E NA MAIORIA DAS TRADIÇÕES ANTIGAS, UM GÊNIO ACOMPANHA CADA HOMEM, COMO SEU DUPLO, SEU ANJO DA GUARDA, SEU CONSELHEIRO, SUA INTUIÇÃO. ELES REVELAM AOS HOMENS AS REGRAS DIVINAS DA ATIVIDADE HUMANA.

O apito do trem perfura a noite.
As paredes do quarto se encolhem.
O mundo fica mais vasto.

Tantos livros para ler
Tantas ruas por andar
Tantas mulheres a possuir...

Quando chega a madrugada
O adolescente adormece por fim
Certo de que o dia vai nascer especialmente para ele.

"Noturno", de José Paulo Paes

"Exemplo admirável de nu alegórico é A Noite e os Gênios do Estudo e do Amor, de Pedro Américo. É preciso reconhecer: cada elemento do quadro ali está cuidadosamente colocado como parte integrante da mensagem a ser captada e traduzida; cada pormenor "fala" como componente de um discurso: a alegoria é sempre uma narrativa condensada. E, no caso, o que se conta pictoricamente é a vida da noite com tudo que ela abriga sob seu manto escuro. Ei-la, no centro, suspensa no espaço do céu e da tela, a ocupá-lo quase inteiramente, mulher belíssima cuja nudez é mal-encoberta pela renda negra e transparente que lhe envolve o ventre e as pernas; os cabelos pretos e longos esvoaçam, enquanto majestosa, braços abertos, sustenta numa das mãos a grande taça cheia de estrelas que a outra mão distribui a esmo. Acompanham-na dois gênios: o Estudo, com o archote a iluminar o livro que lê atentamente, e o Amor, cupido que busca mais um alvo para sua flecha. Junto aos três, compondo um único conjunto alante, a coruja, que uma tradição retomada por Hegel torna símbolo da filosofia, essa ave que alça vôo tardio, só depois que o dia encerra suas múltiplas experiências. Atrás de tudo, como quem tudo comanda, enorme, a Lua. Representando a ocasião propícia à reflexão e ao amor, a Noite possui corpo álgido, feito, parece, de branca matéria lunar, não de carne. Suspendendo-se, serena, acima das paixões humanas, sem tocar com os pés o chão dos humanos desejos, na verdade ela não é mulher: é deusa e fria."

José Américo Motta Peçanha, *"Despir os Nus"*



MANDIOCA: AIPIM, MACAXEIRA, RAIZ QUE É PRINCIPAL ALIMENTO DOS ÍNDIOS BRASILEIROS (V. MANIOCA)

MANIOCA: MANDIOCA (A DEUSA MANÍ, ENTERRADA NA PRÓPRIA OCA, GEROU A RAIZ ALIMENTÍCIA), (V. MANI, OCA, MANDIOCA, MAIRÁ)

ENGENHO: QUALQUER MÁQUINA OU APARELHO. APARELHO QUE CONSISTE NUMA MANIVELA FIXADA A UMA TÁBUA. ESTABELECIMENTO DOTADO DE MÁQUINAS E APARELHOS PRÓPRIOS PARA MOER.

"Mesa do paulista

O cardápio variava pouco, segundo Carlos Lemos. Arroz, feijão, cozidos portugueses, paçoca e cuscuz. A farinha de mandioca era fundamental."

No início do século XIX, a mandioca era medida de riqueza e argumento pró-independência. O líder político Cipriano Barata, em defesa da separação do Brasil de Portugal, discursou no Porto: *"O Brasil pode manter-se independente da metrópole e até da Europa; tem farinha para alimentar-se e algodão para vestir-se"*

"O nome mais corrente é de origem tupi. Um mito entre os índios conta que a filha de um chefe engravidou virgem, e dela nasceu a menina Mani. Morta após 1 ano, de seu túmulo, numa oca, surgiu um arbusto cujas raízes serviam de alimento."

(3 trechos extraídos do Jornal Folha de São Paulo 02 de abril de 2000 Caderno Especial O tabuleiro do Brasil)

"O pão do Brasil em geral era a farinha de mandioca. Os portugueses adaptaram-se maravilhosamente a esse pão. Tanto que levaram a mandioca para a África."

"Em todos os sítios onde se cultivava a mandioca, para vender os excedentes em São Paulo e Santos, adotava-se, para espremer a massa, a prensa de fuso, instrumento agrícola português."

"A alimentação dos escravos consistia, em geral, de delicioso angu e feijão preto ou rosilho. Aos grandes caldeirões desta preciosíssima leguminosa eram adicionados: carne-seca, bem como as frescas de vaca, porco ou carneiro. Em separado preparavam-se acessórios: mandioca, cará, batata doce e milho novo em espigas, abóbora, inhame, taioba, couve, cenoura, mandioquinha, mangarito, mugango, repolho e o mais que houvesse na quadra do ano."

(3 trechos do livro: Vida cotidiana em São Paulo no século XIX ver bibliografia)



INTRÉPIDO: CORAJOSO, DESTEMIDO, FIRME.

VAPOR: NAVIO IMPELIDO POR MÁQUINA DE VAPOR. NAVIO A VAPOR.

"Não é extraordinário encontrarem-se, entre a multidão de escravos empregados no Rio de Janeiro, alguns grandes dignatários etiópios e mesmo filhos de soberanos de pequenas tribos selvagens. É digno de nota que essas realezas ignoradas, privadas de suas insígnias, continuem veneradas por seus antigos vassallos, hoje companheiros de infortúnios no Brasil. É comum, quando dois pretos se encontram a serviço na rua, o súdito saudar respeitosamente o soberano de sua casta, beijar-lhe a mão e pedir-lhe a bênção. (...) Quanto aos escravos nobres, graças à sua posição, conseguem de seus súditos os meios suficientes para comprar a própria liberdade; e desde então empregam escrupulosamente toda a sua atividade no reembolso da dívida sagrada."

Debret



Simão de volta do Paraguay
Angelo Agostini

Fui ver pretos na cidade
Que quisessem se alugar.
Falei com esta humildade:
- Negros, querem trabalhar?
Olharam-me de soslaio,
E um deles feio, cambaio,
Respondeu-me arfando o peito:
- Negro não há mais não:
Nós tudo hoje é cidadão
O branco que vá pro eito.

(Trecho de poesia satírica publicada em
"O Monitor Campista", de 1888 in História
da vida privada no Brasil ver bibliografia)



**ARRUFO: RESSENTIMENTO PASSAGEIRO
ENTRE PESSOAS QUE SE QUEREM BEM.**

*De tudo, ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.*

*Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento.*

*E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama*

*Eu possa me dizer do amor (que tive)
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure*

"Soneto de Fidelidade", Vinícius de Moraes

"No Brasil, como entre todos os povos ignorantes, essas práticas supersticiosas foram impostas pelo homem esclarecido que, impondo-as, procurou preservar os habitantes de abusos prejudiciais. Assim é que ainda hoje se procura fazer crer às recém-casadas brasileiras deverem elas evitar cuidadosamente de cheirar uma rosa, pois o seu perfume, afirmam, pode ser nocivo à concepção. Bastou a confirmação das sogras para fortalecer essa superstição no espírito das jovens esposas. Assim, por amor materno antecipado sacrificavam religiosamente, no dia seguinte ao do casamento essa rosa que haviam adorado até a véspera."

Debret

"A aristocracia do café

Os inícios podem ter sido simples, mesmo modestos, a situação privilegiada pode ter tido curta duração, não importa, aqueles que tiveram riqueza e poder no decorrer do momento áureo do café se consideraram os verdadeiros paulistas."

(Trechos de "Vida Cotidiana em São Paulo no século XIX", ver bibliografia)